

VIDA MUNDIAL

ILUSTRADA

SEMANARIO GRAFICO DE ACTUALIDADES



O SR. DR. BARUCH QUE, DESDE HÁ
DIAS, É EMBAIXADOR DOS ESTADOS
UNIDOS EM LISBOA

(Ver notícia na página 3)

ANO IV-N.º 205 19 DE ABRIL DE 1945
PREÇO AVULSO 1\$80



UM LINDO SONHO DE MULHER...

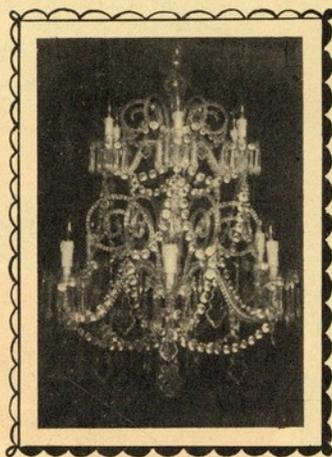


...POSSUIR UMA COSINHA MODERNA COMPLETA DA

FABRICA PORTUGAL

PRAÇA DOS RESTAURADORES, 37-49 — TELE. 2 4948

★ LUSTRES ★



APLIQUES ★ CASTIÇAIS ★ ABAT-JOURS ★ CANDELABRÓS ★ CANDIEIROS DE MESA ★ RESTAURAÇÕES

J. R. de Brito
FABRICANTE

R. LUIZA TODI, 2 (ÁR. D. PEDRO V) ~ LISBOA ~ TEL. 20497

i Desportos!

O esforço desordenado que os desportos exigem do organismo, necessita de ser compensado proporcionando aos músculos e aos nervos o alimento adequado.



A força e resistência combativas demandam músculos sólidos e potentes



A precisão dos movimentos obriga a uma concentração de todas as energias



A agilidade e a rapidez de acção exigem uma perfeita harmonia entre músculos e nervos



A elegância de movimentos requiere a máxima elasticidade



O equilíbrio e a velocidade em baixas temperaturas produzem um maior gasto de energia



A velocidade exige um conjunto muscular resistente e bem tonificado



O impulso e o domínio requerem uma perfeita coordenação nervosa

A sensação de fadiga, a diminuição de força motora, de elasticidade nos movimentos, de agilidade, de energia, são os sinais de alarme pelos quais o organismo anuncia uma perda de resistência.

Se notar qualquer destes sintomas recorra com confiança ao Fósforo Ferrero.

Um breve tratamento com 4 comprimidos diários, restituir-lhe-á o equilíbrio dos seus nervos e o bem estar físico, tornando-lhe o desporto fácil, agradável e de uma real utilidade para a saúde.

Consulte o seu médico e peça sempre o legítimo Fósforo Ferrero
À venda em todas as farmácias em caixas de 20 e 40 comprimidos

Fósforo Ferrero

SUPER-ALIMENTO VEGETAL DE ALTO PODER RECONSTITUINTE E NUTRITIVO



Quando os pais previdentes garantem o futuro da família

A satisfação que traz o recibo do
SEGURO DE VIDA NA

PORTUGAL PREVIDENTE
SEGUROS EM TÓDOS OS RAMOS
CAPITAL E RESERVAS 17 MIL CONTOS

Sede: RUA DO ALECRIM, 10 — LISBOA — Telef.: 2 4040
Delegações: PORTO, COIMBRA, BRAGA e FARO

O NOVO EMBAIXADOR DOS ESTADOS UNIDOS EM LISBOA



sr. dr. Herman Benjamin Baruch é, desde há dias, o novo embaixador dos Estados Unidos em Lisboa. Assim que chegou, o ilustre diplomata apressou-se a receber os jornalistas, para lhes dizer quanto apreciava sentir-se em Portugal, entre os compatriotas de sua mãe, que também é portuguesa. E, mostrando-se um estudioso dos valores morais e mentais de Portugal, o sr. dr. Baruch, que por estes dias apresentará credenciais aos Chefes do Estado, falou de Cabral, de Magalhães, de Gama e de Camões, figuras históricas familiares da sua cultura. O sr. dr. Baruch, milionário, médico e diplomata de carreira é também um hábil político que o falecido Presidente chamava para o desempenho das missões mais difíceis.

A MARQUEZA DE SOUSA BOTELHO



QUEM procurar fazer um estudo, curioso e interessante, acerca das grandes damas românticas que brilharam em França, no primeiro quartel do século XIX, encontra uma *Madame de Souza*, cujo apelido, escrito à francesa,

é visivelmente português. A decifração do enigma é fácil. Esta *Madame de Souza*, foi casada, em primeiras núpcias, com o Conde de Flahaut, e por essa união se chamou Condessa Flahaut, como mais tarde seria Marquesa de Sousa Botelho, por ter casado, em segundas núpcias, com o nosso Marquês de Sousa Botelho (José Maria de Sousa Botelho), nascido no Pôrto em 1758 e falecido em Paris em 1825. Foi nosso embaixador na capital francesa, e aí conheceu e se apaixonou pela viúva do Conde de Flahaut, com quem casou.

É muito curiosa a vida literária e acidentada desta Marquesa de Sousa Botelho. Educada num convento, saiu de lá aos 17 anos, para casar com o velho Conde de Flahaut, vida conjugal que mais tarde lhe daria assunto para o enredo de um dos seus livros de mais escandaloso êxito: *Adèle de Sénanges*. Seu filho, Augusto Carlos José, Conde de Flahaut de La Billarderie, nascido em 1785 e falecido em 1870, grande chanceler da Legião de Honra, depois de ter sido ajudante de campo de Murat e coronel em Wagram, ministro plenipotenciário em Berlim e embaixador em Inglaterra, deu-lhe um neto precioso, filho natural dos seus amores secretos com a rainha Hortensia, êsse mais tarde célebre Duque de Morny, o mais temível rei dos salões parisienses e o mais requintado árbitro dos elegantes do seu tempo. Ainda em vida do primeiro ma-

(Continua na pág. 18)

GOMES LEAL, O POETA



A vida é quasi sempre trágica para os homens de letras. Camilo, o mais laborioso de todos os escritores portugueses, sofreu bem as inclemências do destino, porque, senhor duma inteligência privilegiada, não soube, orgulhosamente miserável, estender as mãos aos amigos, quando, na decadência, sofria toda a

sorte de misérias com Ana Plácido, uma paixão da sua vida. Gomes Leal, o grande poeta, o «dandy», que subia o Chlado, de fraque, cravo vermelho na boteeira, bengala de castão dourado, imponente, a remorder em quantas damas elegantes por all passavam, quasi, decorridos anos, morreria de fome, no declínio da vida, aos setenta anos, se a caridade dos amigos o não roubassem àquela vida de vagabundo. O génio de Gomes Leal era todo uma labareda altaneira de revolucionarismo. As suas poesias, por um poder estranho, vêm impregnadas duma sede de ideal, de concepções para uma sociedade futura que êle profetizava melhor mas que, no louco lirismo da sua alma, não passavam de imagens cheias de febre: Gomes Leal — di-lo um dos seus biógrafos — era, como quasi todos os génios, um desequilibrado. Sofreu a ignomínia da prisão já quando o povo cantorolava pelas esquinas, nos cafés, as suas poesias vibrantes, e as estrofes eram verdadeiros hinos duma revolução nova. O «Muti-Cristo» — um dos seus livros onde melhor se prova o seu poder demolidor, quis êle próprio rasgá-lo depois de a glória lhe ter roçado a existência. Quando a mãe do poeta morreu — Gomes Leal que vivia com ela e devotadamente lhe queria como a uma santa — êste jurou-lhe, nos últimos momentos, que se havia de regenerar, de deixar de ser um ateu para se tornar um crente... Foi desde aí que se assistiu à

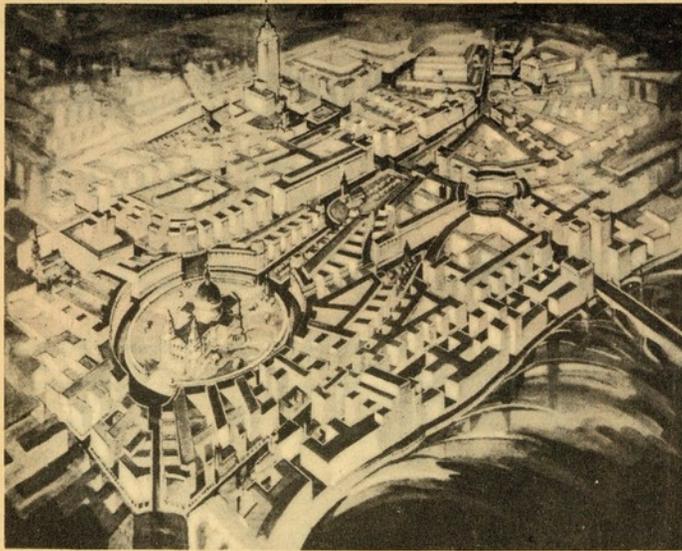
conversão de Gomes Leal, que muitos dizem não ter sido uma conversão, pois o poeta fôra sempre um cristão e um sentimental da religião... São duas as fases da vida do grande poeta. Uma, quando independente, vigoroso, forte, aguerrido, escrevia sublimes versos com o fogo ardente da sua mocidade; outra, quando na decadência, já impotente para semear, pretendia destruir o que tinha feito. Seja como fôr, Gomes Leal, o grande poeta, era um desequilibrado, uma alma de criança que um cérebro fecundo e laborioso moldou para a eternidade.

MANUEL MARTINHO

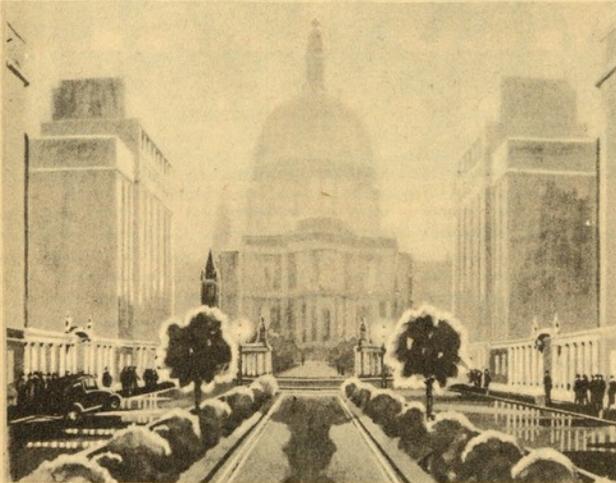
UMA FIGURA DA SEMANA



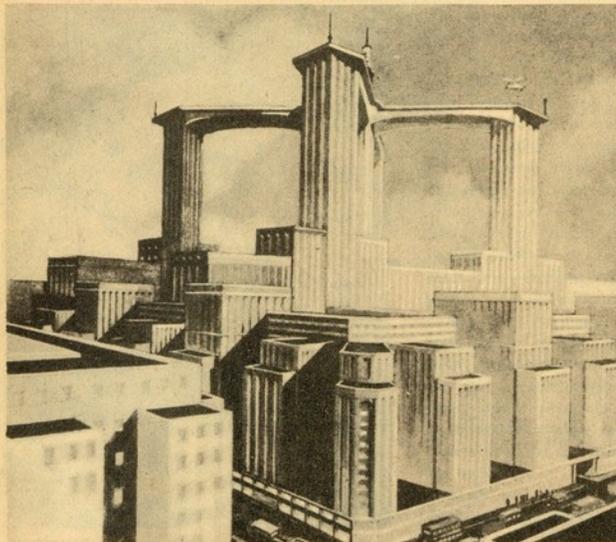
O SR. CORONEL CATOIRE, NOVO ADIDO MILITAR FRANCÊS EM LISBOA



Aqui está, por exemplo, uma vista aérea da cidade futura, sem os grandes arranha-céus mas com o problema da habitação higiénica resolvido.



A catedral de S. Paulo, que escapou à hecatombe, terá acesso por esta bela avenida e será cercada por um largo amplo, traçado em forma de elipse.



Na estação da Rua Liverpool, as plataformas para a chegada e partida de comboios serão subterrâneas e, no topo do edifício, haverá quatro postos de aterragem para helicópteros.

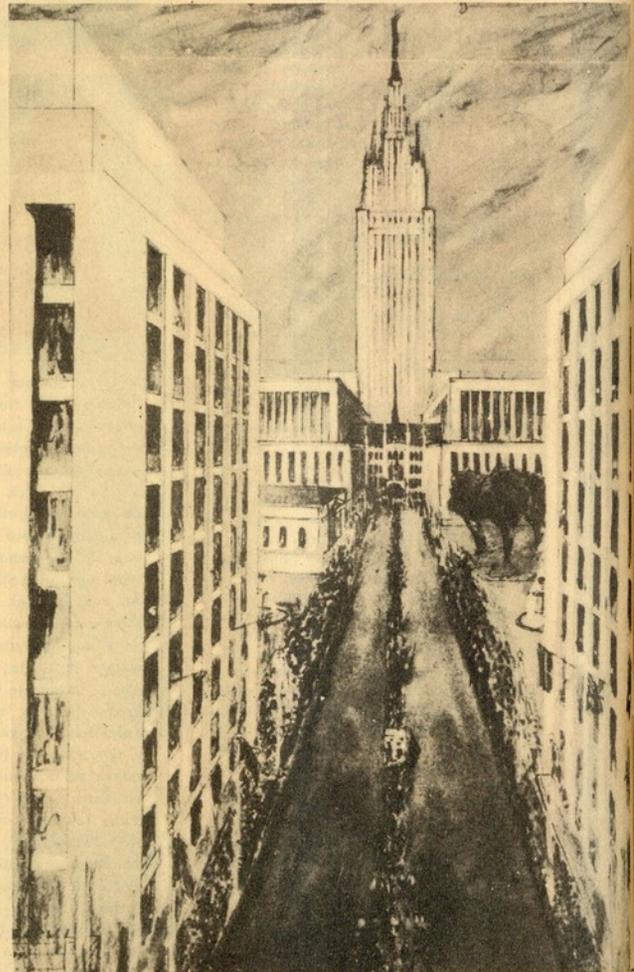
LONDRES DO FUTURO

E OS PLANOS PARA A SUA RECONSTRUÇÃO

LONDRES foi a trágica precursora de todas as cidades vítimas de bombardeamentos. Até 1940, nenhuma outra tinha sofrido o ataque das bombas, lançadas sistematicamente, a abrir um precedente terrível de que a própria Alemanha havia de conhecer mais tarde os efeitos, pelos bombardeiros alemães. E Londres só não foi arrasada, e a sua população civil só não foi exterminada, porque a Alemanha, a contos com o potencial bélico da Rússia, achou conveniente não insistir na perda de material de ataque contra Londres — numa altura em que Londres reforçava a defesa.

Londres, que não foi destruída por completo só porque foi bastante forte e grande para não sucumbir ao primeiro golpe — sofreu, ainda assim, destruições sem conta. Muito do que era belo e tradicional desapareceu para sempre. Mas, porque nas cidades como nos troncos — a morte é logo substituída pela vida, logo os engenheiros e os arquitectos se puseram a traçar planos para uma nova Londres. E, assim, Kenneth Lindy e B. A. P. Winton Lewis resolveram tomar à sua conta o traçado da Londres reconstruída, tendo em vista os problemas do trânsito.

Aqui damos algumas imagens desses planos que não sabemos se serão aprovados pelo leitor — como não sabemos se o foram pelo Governo Inglês...



Na Londres futura não caberão as mansardas, as barracas de lata, tudo o que era negro reflexo de uma tradição decadente: aqui está Gulldaha! restaurado.



Em Tchéad, no coração do Deserto, o general Martin é recebido pelos saharanos do general Delav que, em Janeiro de 1943, conquistaram o Juri

MAX WERNER ANUNCIOU COM DOIS ANOS DE ANTECEDÊNCIA A DENÚNCIA DO PACTO DE NEUTRALIDADE RUSSO-JAPONÊS

tório russo, e em Tóquio o ataque a Pearl Harbour. Mas em lugar de coordenar estas duas acções, Matsuoka separou-as assinando o pacto de amizade com a U.R.S.S.

Durante quatro anos, russos e japoneses viveram em equilíbrio instável. Mas necessidades recíprocas levaram-nos a ignorar as intenções reservadas que alimentavam. Até que, com a decisão da guerra no ocidente à vista, o Governo de Moscovo se decidiu a dar o grande passo e a denunciar o pacto de 13 de Abril. Em Tóquio o governo Koiso caiu, e os boatos de uma paz próxima, e provável, no Extremo Oriente começaram a circular mais intensamente. De facto, se as bases russas da Sibéria Oriental começarem a ser utilizadas eficazmente, a resistência nipónica não poderá prolongar-se por muito tempo. Foi esta a verdadeira razão que levou o Imperador a encarregar o quasi octogenário almirante Suzuki a constituir um governo moderado.

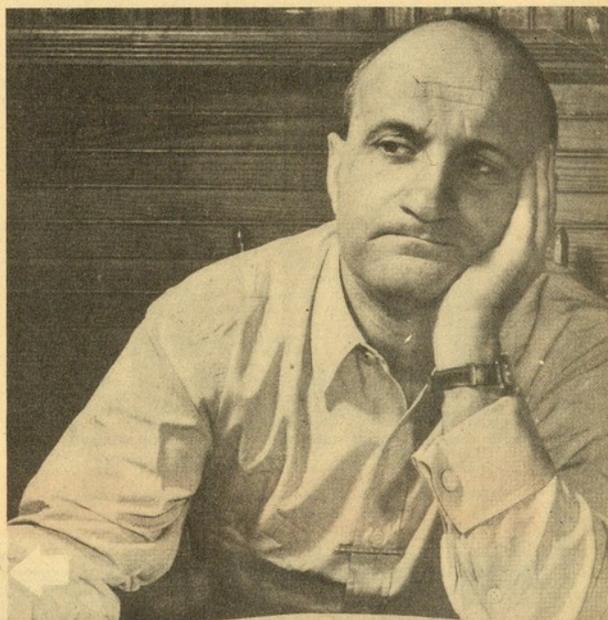
Mas a denúncia do pacto russo-japonês, que agora se consumou, havia sido há muito tempo prevista, com todas as suas consequências, por um homem que alcançou celebridade mundial, antecipando todos os grandes acontecimentos que assinalaram o curso desta guerra. Max Werner é o seu nome, e embora tenha nascido em Khar'kov é cidadão norte-americano e ganha com os seus escritos uma verdadeira fortuna.

Há aproximadamente dois anos escrevia ele profeticamente, a propósito do acontecimento sensacional que acaba de se registar: «A vitória na Europa proporcionará aos Aliados todas as condições para alcançarem rapidamente a vitória no Pacífico. As forças combatentes e os recursos da Grã-Bretanha e dos Estados Unidos ficarão disponíveis para o assalto final no Oriente. Mas, mais do que isso, a decisão da luta na Europa proporcionará à União Soviética uma inteira liberdade de movimentos na Ásia, tanto sob o ponto de vista diplomático como militar. É preciso não esquecer que entre a Rússia e o Japão existe um abismo enorme. A vitória dos Aliados na Europa isolará, por completo, o Japão, e este será mortalmente atingido».

Encarando a importância da participação russa na guerra contra o Japão, Werner acrescentava: «Não é possível alcançar um êxito total contra o Japão sem a posse de plataformas de ataque no Pacífico norte (bases russas de Vladivostok e Kamchatka. A vitória na Europa proporcionará tudo isso aos Aliados. É a invasão da Europa que constitui o prólogo da decisão no Pacífico. Numa palavra: o caminho mais curto para Tóquio passa através do Canal da Mancha».

O EXÉRCITO COLONIAL FRANCÊS REORGANIZA-SE

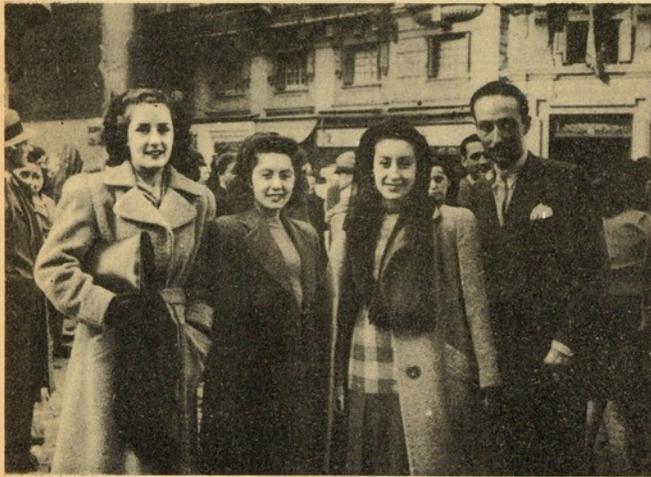
OURGLA, no Deserto, é o fim de uma epopeia e o começo de uma aventura. Foi dali que o general Henri Martin, comandante do 19.º corpo de exército, partiu para uma inspecção às tropas e que seguirão o caminho histórico que seguiram os soldados de Leclerc, quando num dia que muitos julgaram sinal de uma nova derrota do exército francês, partiram do Tehad, para lutar no norte ao lado dos soldados aliados que combatiam Rommel. Quando chegaram, iam esfarrapados mas prontos para a vitória, entusiastas. Julgou-se que eram um exército de vencidos e foram um exército de vencedores. E, desde então, caminharam sempre, para a frente, para a frente — até Estrasburgo, até mais para a frente, a caminho de Berlim.



ARússia denunciou o pacto de amizade que havia assinado com o Japão, em 13 de Abril de 1941. Tudo indica que esse gesto do Governo soviético seja apenas o prólogo duma participação activa da U. R. S. S. na guerra do Pacífico. O caso causou uma sensação justificada e as consequências que dele podem resultar são incalculáveis.

Há quatro anos, quando o pacto foi assinado, as grandes potências ainda não haviam mergulhado todas na guerra. A França fôra posta fora de combate e os pequenos países do continente europeu, com excepção dos que haviam podido acutelar a sua neutralidade, viviam já em regime de ocupação. O poder militar do Reich parecia invencível. Ninguém sabia onde ele iria desferir os seus próximos golpes.

O ministro dos Estrangeiros japonês, Matsuoka, chegou à Europa numa hora crítica. Estavam a ser feitos em Berlim os últimos preparativos para a ocupação dos países balcânicos e o pensamento dos dirigentes do Reich orientava-se claramente no sentido de leste. Apesar de aliado da Alemanha, Matsuoka celebrou um pacto de amizade com a Rússia, o qual havia de permitir a este país concentrar todas as suas forças na luta contra a Wehrmacht. Não era na Alemanha nem na Europa que ele pensava, decerto. Era no Pacífico e nos Estados Unidos. Em Berlim planeava-se o ataque ao terri-



«Vida Mundial Ilustrada» é já hoje uma revista de categoria internacional. Em Madrid, como em Nova-York, está sempre atenta às manifestações das gentes da nossa terra. No foto acima, as conhecidas «Irmãs Meireles», em Madrid, «posam» para a nossa revista durante a passagem de uma procissão.

“CHARLANDO COM LAS CELEBRES HERMANAS POR LA CALLE DE ALCALÁ”



EXTA-FEIRA Santa. As ruas do centro de Madrid estão cheias de uma multidão densa e estrepitosa em que as mantilhas negras e os sorrisos vermelhos são sinais de luto e de alegria de viver... «El Viernes Santo» madrilenho, tal como em quasi toda a Espanha, não é a festa triste e fúnebre, dos povos de alma cansada ou turvada pelos nórdicos nevoeiros. Não, a Sexta-feira Santa dos espanhóis apresenta-se como uma mescla de religiosidade gritante e de bem vincado tradicionalismo que a tornam única no Mundo.

E assistimos, curiosos e contritos, à passagem da grande procissão da tarde mesmo no local onde as avenidas de José António e Alcalá se juntam, quando a nossa boa sorte jornalística trouxe ao nosso encontro a célebre e bela trindade da Rádio e do Cinema que se chama «Irmãs Meireles»: Cidália, Milita e Rosária Meireles... Exclamações de surpresa, cumprimentos e... um fotógrafo que aparece para tirar umas fotografias... E já fatigados com a imponentíssima manifestação religiosa que prometia não mais findar, começamos subindo «Alcalá» procurando uma possível passagem subterrânea por debaixo daquela larga avenida que permitisse às três manas e a sua mãe regressarem ao hotel. E foi buscando uma estação do «Metro» que «Vida Mundial Ilustrada» conseguiu saber que Milita e Rosária Meireles, Barreto Poeira e Humberto Madeira serão, conjuntamente com Ana Campoy e António Casal, entre outros actores espanhóis, os intérpretes da nova película de colaboração cinematográfica hispano-portuguesa «Os Cinco Lobitos», realizada sobre um guião dos Irmãos Quintero pelo célebre director Ladislau Vajda, director que foi também do interessante filme «Doze Luas de Mel»...

Todas as irmãs se encontram encantadas com Madrid e com os madrilenos, que têm na conta de muito amáveis e bastante disciplinados... O «Metro», com a sua rede de linhas e estações «feitas em série», desorienta-as ainda um pouco e, por causa das dúvidas, raro usam tal meio de transporte. E os cinemas e cafés do «Centro», com o seu desmedido luxo e atraente conforto, merecem-lhes as melhores palavras de elogio. Mas era principalmente opinões sobre Cinema as que mais interessavam ao correspondente desta revista. Assim, Milita, quando lhe perguntámos que tal achava o cinema espanhol, respondeu-nos:

— A minha opinião é que o cinema espanhol é muito bom! E olhe que não me refiro somente à parte artística; a fotografia dos filmes que tenho visto é quasi sempre magnífica!

— E que tal a «dobragem» das películas estrangeiras?...

— Não, não gosto mesmo nada. Ontem, por exemplo, vi uma Marlene falando um espanhol tal, com uma voz de tonalidade tão diferente da sua, da autêntica, que me deu pena. A «dobragem» rouba personalidade aos artistas.

Contestámos-lhe que o povo espanhol hoje em dia já não dispensa a «dobragem» dos filmes estrangeiros e que não só com o hábito como também, logo que tenha maiores conhecimentos de castelhano, acabará por gostar, pois assim sucede connosco. Dissemos-lhe ainda que, em nosso entender, as legendas, quantas vezes tão mal traduzidas, só prejudicam a projecção, pois que, além de distraírem os espectadores, roubam-lhes grande parte da emoção que o filme lhes poderia dar se o «acompanhassem» integralmente. Todavia, Milita

A «calles» de Alcalá, na sedução das suas linhas é o «ponto» predilecto das nossas três vedetas.

AS IRMÃS

MEIRELES

EM MADRID

MILITA E ROSÁRIA MEIRELES, COM BARRETO POEIRA E HUMBERTO MADEIRA, SÃO PROTAGONISTAS DO NOVO FILME ESPANHO-PORTUGUÊS «OS CINCO LOBITOS»

Meireles é de opinião que a «dobragem» é já em Espanha um trabalho perfeito, tecnicamente impecável.

— E que actores espanhóis acha melhores?

— Rafael Duran e Império Argentina — responde sem hesitar.

Cidália, a nosso lado, diz-nos por sua vez:

— Pois eu gosto mais do António Casal e de Amparito Riveles! Rosária, a mais jovem, ainda não tem uma opinião bem definida. Todavia, parece que o galã de «Doze Luas de Mel» tem também a sua predilecção.

A mana dos olhos sonhadores, a Cidália, diz-nos que encontra o Cinema espanhol mais adiantado do que o nosso, e diz-nos ainda que isso deve ser consequência não só da grande protecção que o Estado espanhol dispensa ao seu cinema, como também da interferência de técnicos estrangeiros: quasi todos húngaros e alemães.

Entretanto, chegámos à estação do «Metro» da Avenida de José António... Um ascensor desceu-nos à estação propriamente dita, a vinte ou trinta metros de profundidade. E enquanto esperávamos um comboio que nos levasse a uns dois quilómetros dali, continuamos a nossa «charla»:

— E que tal acham vocês os vossos companheiros espanhóis?

Milita Meireles responde por si e pela sua «hermanita»:

— Garanto-lhe que a melhor camaradagem reina entre todos nós... Não há, e nem estaria certo que houvesse, qualquer distinção de nacionalidades dentro dos estúdios. Portugueses e espanhóis, constituímos todos como que uma boa família onde um simpático

(Continua na pág. 18)





Inês de CASTRO

AQUELA
"MISERA"
"E MESQUINHA"

VIVE AINDA NA TELA E EMPOLGA MULTIDÕES

INês de Castro, «scolo de Garças» e corpo de alabastro, carne e sangue ardentes onde esse príncipe Pedro ia matar a sede do seu corpo e do seu coração — não morreu como a história diz e o povo ainda desmente. E, a prova, é que ali está, compreensível à sensibilidade do público do nosso tempo, vivendo a sua tragédia, comunicando os eflúvios da sua paixão a uma plateia acorrentada à sua própria vida. Quem assistiu à estreia do filme de Leitão de Barros e acompanhou o desenrolar da acção na tela e na platéia, sentiu que era assim mesmo. Seródio, que andou pelo S. Luís com a sua máquina fotográfica, obteve alguns flagrantes que publicamos nesta página, consagração de um realizador, de um grupo de artistas e de uma realidade cinematográfica luso-espanhol.

Terminou a primeira parte. A assistência veio para o «furnoir» trocar impressões, e Leitão de Barros, o triunfador da noite, não esqueceu a sua boa disposição.



São dez horas. O sr. Presidente da República, com a expressão feita de quem sabe que irá assistir a um belo espectáculo, vai tomar o seu camarote de honra. O sr. ministro das Colónias, da Guerra, das Obras Públicas e alguns subsecretários, assistiram também à estreia.

Lá dentro, a assistência, elegantíssima, aguarda a continuação do espectáculo. Há cabeças lindas de mulher, rendas e um perfume caro no ar. Quando se fecharão de novo as luzes e continuará esse poder dominante de tragédia vivida no «écran»?

Mais uma vez, a «scolo de garças» faz vibrar multidões. Terminou o espectáculo, a sala em péso aplaude. Villaret, Raúl de Carvalho, Leitão de Barros e, ao fundo, esse já grande Vilar agradecem as palmas entusiásticas.

Na cozia, antes de se fecharem as luzes e começar o espectáculo, o poeta Afonso Lopes Vieira talvez diga a Reinaldo dos Santos o que pensa do êxito da obra que o público e a crítica vão apreciar.



FOTO HORÁCIO NOVAES

FAÇA DE PAPEL

*** Ada Júdice, filha da ilustre atriz Brunilde Júdice, vai publicar o seu primeiro livro de versos, intitulado: «Rumos sem rumo». O livro é das Edições Romero.



LUÍS TEIXEIRA

O jornalista Luís Teixeira, que durante uma boa meia dúzia de anos votou à organização da classe a que pertence o seu melhor esforço, pugnano pelos seus interesses, acaba de deixar o lugar de presidente do Sindicato Nacional dos Jornalistas, impedido, pelos seus muitos afazeres, de aceitar uma justa reeleição. Atrás de si, dentro da classe a que pertence, Luís Teixeira deixa uma assinalável actividade que, aliás, se encontra condensada no Boletim do Sindicato dos Jornalistas acabado de ser distribuído. Nêlé se contém, de facto, o que representa a actividade daquele organismo, os trabalhos que precederam a sua organização, alguns artigos notáveis de alguns dos mais notáveis jornalistas do nosso tempo e, ainda, as comemorações, as exposições, as sessões solenes, toda a vida social e mental — senão da classe, pelo menos do organismo de que é órgão.



METZNER Leone escreveu um romance cujos personagens sentem e sofrem dentro do quadro devastador da guerra actual. A acção decorre no norte da França ocupada, e em Paris, na manhã da libertação. Paralelamente ao drama sangüinário da guerra, o drama íntimo de cada um dos personagens. Como os modernos escritores de além fronteiras, especialmente à maneira dos novelistas norte-americanos, o autor serve-se do conflito das nações como de um cenário, para mais fortemente fazer realçar o conflito das almas, as situações encarradas sob o ponto de vista humano. Em «A Marselhesa» há páginas inesquecíveis pela sua verdade flagrante e pela sua sóbria intensidade. Entre outras, citaremos o curto diálogo dos soldados do pelotão de execução; a confissão do «maquis» condenado; ao padre que lhe incute a coragem que parece ir abandoná-lo; a reacção do velho Nerval, ao saber que a filha vai dar-lhe um neto, filho de um oficial inimigo; a evocação da vida de Paul Marchand, «maquis» da primeira hora, o inconformado com a derrota; e, finalmente, o levantamento em massa da população parisiense, na manhã apoteótica da revolta. É difícil admitir que a intensidade destas páginas, o seu conteúdo de emoção e o tumultuar dos sentimentos, possam ser excedidos por qualquer outro romancista. Gregor, o russo, agitador e faná-

tico; o coronel-barão prussiano, comandante da praça-forte de Caen; Bidoux, o amanuense pseudo-colaboracionista, e a velhinha «avó Vallé» — são figuras de segundo plano que ficam, como pinceladas magistrais, como frémitos de ansiedade palpitante, apenas enunciados ao lado das duas figuras centrais do romance, Gizèle e Karl — ela, francesa e irmã de três rapazes fusilados pelos alemães; êle, alemão e tendo por missão submeter a resistência do país vencido e ocupado. A razão de ordem política que faz nascer aquêlê amor da rapariga, as suas interrogações perante o direito que julga ter, e lhe é negado, de amar aquêlê homem e, sobre tôdas, as páginas do fusilamento de Gérard, dificilmente poderão apagar-se da memória de quem as ler.

Pela primeira vez Metzner Leone procurou um cenário diferente do lisboeta para a acção de um romance, servindo-se para isso, admiravelmente, da sua viagem e permanência no estrangeiro, já durante esta guerra. A apresentação dos caracteres e a descrição pormenorizada de hábitos diferentes dos nossos, colocam «A Marselhesa» para o leitor português, no plano dos grandes livros de categoria internacional que o nosso público conhece só em traduções. Gizèle, mártir da sua felicidade encontrada num caminho proibido, e Karl, vítima das verdades que norteavam a sua vida, são bem dois símbolos amarrados à confusão e ao drama conflagrador que sacodem a humanidade, na luta sem tréguas em que se digladiam.

Metzner Leone consegue, com êste romance, colocar-se num plano bem diferente, bem superior, daquele que conquistara já com as suas recentes produções neste género literário; do escritor de grande público pela actualidade e pelo superficialismo aparente dos seus conflitos, o autor surge-nos, nas páginas de «A Marselhesa», como um mestre da emoção, como um verdadeiro artista que tira do barro humano e dos grandes acontecimentos da História os elementos para a realização de uma obra que perdurará para além do seu tempo, como um gritante estandarte de revolta contra os princípios que, em vez de servirem a humanidade, a escravizam inexoravelmente.

Obra de fôlego, de interesse paupitante, e em que se agitam tôdas as paixões que alanciam o espírito humano, «A Marselhesa» marca um ponto culminante na fulgurante carreira de romancista do seu autor.

Esta referência especial não se deve à camaradagem que nos liga aquêles que trabalham ininterruptamente, sem um desfalecimento, como o autor vem fazendo de há tempos para cá; esta referência é apenas um elemental acto de justiça a assinalar um trabalho de alta categoria, obra de um novo que nas Letras portuguesas está marcando um lugar inconfundível, pela frequência com que aparece os seus livros, pela técnica com que os desenvolve, pelo estilo em que os escreve — e que, com «A Marselhesa», realizou um trabalho a todos os títulos brilhante.

O ÚLTIMO ROMANCE DE Metzner Leone



“CINCO NOITES DE TORMENTA” REPORTAGENS DE FERREIRA DA COSTA

O anonimato forçado a que estão sujeitos quasi todos os bons «reporters» da nossa imprensa diária, não conseguiu abafar junto do grande público o nome de um dos nossos melhores e mais vibrantes jornalistas — Ferreira da Costa. Apesar de ter deixado dispersas nas páginas dos jornais onde trabalhou alguns belos pedaços de emoção, o seu nome não alcançou a merecida consagração a não ser quando, já longe das redacções, Ferreira da Costa fez publicar o seu primeiro volume, «Na pista do marfim e da Morte». As edições sucederam-se num clamoroso êxito, e o público como que ficou surpreendido com a revelação de um jornalista com tan-

tas e tão extraordinárias qualidades. Em verdade, Ferreira da Costa já sabia escrever assim há muito tempo... Provam-no exuberantemente algumas das suas reportagens num diário lisboeta, e agora coligidas em volume pela «Editorial do Povo», para abrir a colecção «Antologia das Grandes Reportagens». Trata-se de cinco trabalhos em que a «garra» do jornalista uma vez mais se manifesta em toda a sua extraordinária força em todo o seu intenso dramatismo e emotividade. «O farol dos três loucos», «Duas horas de baixo da terra», «Os homens da barra», «Peregrinação entre cem mil mortos» e «Quando os sinos dobram», são, com efeito, das melhores páginas do jornalista em seus livros contemporâneos — e bem andou a «Editorial do Povo» escolhendo-as para iniciar a sua colecção; e oxalá os trabalhos futuros que nela inclua não a façam descer do alto nível com que foi começada.

Neste seu novo livro, Ferreira da Costa reafirma qualidades de jornalista que o colocam entre os nomes de vanguarda da profissão que abraçou e que tão brilhantemente serviu, e serve ainda, com o brilho extraordinário da sua pena e com a «vibração emotiva da sua sensibilidade.



FERREIRA DA COSTA

A
PROPÓSITO DA
CATÁSTROFE
DE SETÚBAL



GAFANHOTOS

PORTUGAL E A ESPANHA NA EMERGÊNCIA DUMA "GUERRA TOTAL"



cientista russo dr. Uvarov encontra-se actualmente em Londres, presidindo a um «Comité» de sábios de várias nacionalidades que de há muito procuram esclarecer o mistério das rotas das grandes e devastadoras migrações de gafanhotos. Sabe-se já que este animal tanto pode viver isolado no aspecto em que é geralmente conhecido e constitui, então, recreio para as crianças que correm atrás dos seus saltos graciosos, como pode, na forma gregária da sua existência, representar um dos maiores perigos para a Civilização. O que ainda não conseguiu apurar-se foi o conjunto de circunstâncias que determinam a dife-

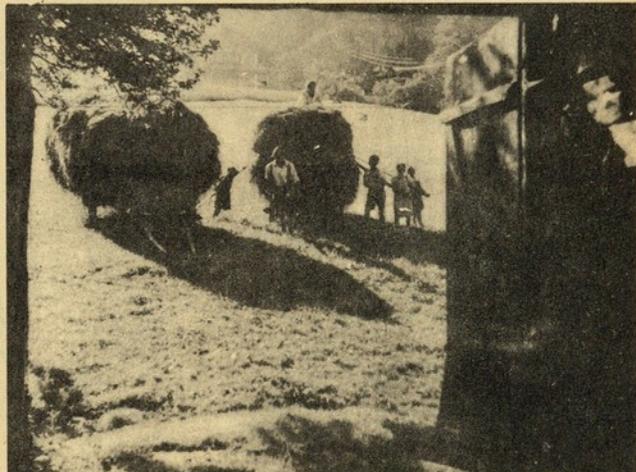
rença das suas maneiras de viver, embora esta aflija a humanidade desde há muitos séculos.

Os antigos conheceram o desaparecimento completo e súbito de regiões populosas e florescentes, que pragas desses acrídeos transformaram em desertos onde até hoje não voltaram a vida nem o ser humano. Algumas florescentes províncias romanas do Médio-Oriente foram devastadas e tornaram-se os lugares inhóspitos que nem o trabalho nem a persistência humanos conseguiram fazer regressar à sua fertilidade primitiva. Estudos atuais de muitos pesquisadores modernos localizaram no interior da Ásia e da África os focos de infecção de onde partem os «raids» devastadores daqueles insectos; armas modernas, como lançadoras e aviões, têm sido empregados para combater essas nuvens portadoras de miséria e de fome; os itinerários dos acrídeos têm igualmente sido cuidadosamente estudados — mas tudo resultou inútil até hoje quanto aos aspectos da questão: conhecer os locais das posturas e a razão que as determina, em tal número e nesses locais. Só assim poderia o agricultor asiático, do

Médio-Oriente e o africano, viver descansado quanto ao maior flagelo que o tem surpreendido.

O dr. Uvarov, nas suas recentes investigações, chegou à conclusão de que o ano de 1945 vai ser o mais sinistro pela acção dos gafanhotos — e os seus estudos assinalaram que os pontos de vanguarda das primeiras legiões migratórias, voam através da Arábia e do Norte de África, no sentido oriente-poente.

Agora, que ao sul do Tejo apareceram nuvens destes insectos, parece-nos oportuno perguntar se não seria tempo de ao «Comité» que em Londres estuda o combate ao temível insecto, fosse enviado algum português especialista em tal matéria? É que é sabido que o perigo tem de debelar-se nas regiões semi-desérticas, e que já nada ou quase nada há a fazer quando o grosso das nuvens de insectos atinge as regiões cultivadas — pois em poucas horas se tornam desérticas. Portugal e o sul da Espanha, pela sua situação geográfica, estão particularmente expostos a esse perigo, agora que é vinda sobre o norte de África, rumo ao Atlântico. Por isso lançamos o nosso alvitre.



NA FAINA DOS CAMPOS, A RECOLHA DO TRIGO QUE HÁ-DE SECAR E SER MALHADO NA EIRA, PARA SE TORNAR EM PAO — SE A PRAGA NÃO DESTRUIR O GRÃO DAS SEARAS...

AVIS

L'Autorité Militaire Allemande a fait fusiller, aujourd'hui, à Bénin-Lietard, deux Officiers Français, les nommés :

Paul THERY & Eric BEUTOM

qui, cachés pendant plusieurs semaines a Douai, déguisés en femmes, ont essayé de franchir les lignes allemandes.

Le Gouvernement Militaire Allemand se voit forcé d'attirer, une fois de plus, l'attention du public sur l'article VI. de la Proclamation qui est ainsi conçu :

Tout Officier ou Soldat ennemi rencontré sur le théâtre des opérations ou en arrière des troupes allemandes, ayant quitté son uniforme et revêtu des habits civils, sera considéré comme espion et traité comme tel. La personne qui aura fourni lesdits habits ainsi que les personnes qui, ayant connu le fait, n'auront pas avisé les Autorités Militaires, seront punies comme complices.

Cet article ne sera cependant pas appliqué aux personnes qui, ayant eu connaissance d'un fait dont il est fait mention dans l'article précité, en auront informé l'Autorité Militaire Allemande, jusqu'au **Samedi 16 Janvier 1915.**

Le 7 Janvier 1915.

Le Général Commandant l'Armée.

NAS PAREDES DOS PAÍSES OCUPADOS, À MEDIDA QUE OS EXÉRCITOS ALEMÃES DE 1914 AVANÇAVAM, ERAM AFIXADOS AVISOS DESTES A POPULAÇÃO, ANUNCIANDO AS EXECUÇÕES ORDENADAS PELA AUTORIDADE OCUPANTE.

possuem uma espécie de sexto sentido, uma intuição subtil que lhes dá uma nítida superioridade sobre os homens. Admite-se também que a memória feminina regista melhor certos pormenores de grafologia e que o seu método é mais meticoloso.

Nesse serviço de controle britânico, escreviam-se e falavam-se cerca de 130 línguas e dialectos e conheciam-se os segredos de mais de duzentas «chaves» de cifra. O mesmo serviço explorava todas as encomendas por apalpação (os dedos exercitados são maravilhosos indicadores que vêem como os olhos) e por meio de agulhas. Toda a encomenda suspeita era aberta e examinada minuciosamente. Recordemo-nos que uma das mais perigosas mensagens secretas descobertas pela censura inglesa durante a presente guerra, fóra escrita com «tinta simpática» no verso de um velho papel pardo que envolvia alguns romances anodinos que o expedidor enviava a certa pessoa que habitava Copenhague. E isto leva-nos a dizer que de todos os processos empregados pelos espiões para transmitirem as suas informações, foi e continua a ser o preferido o do emprêgo da «tinta simpática», composição química que não deixa sobre o papel o mais pequeno vestígio e que somente se torna visível sob o efeito de certas substâncias ditas «reactivas». Por vezes, mesmo, a «tinta simpática» não é mais que sumo de cebola e de limão, ou, mais simplesmente ainda, urina. Estas substâncias, cujo traçado é invisível no papel, aparecem nêlc claramente sob o efeito do calor.

As vezes, o espião ou a espia é portador, em qualquer canto da sua maleta, de um pequeno frasco de aparência inofensiva: loção para cabelos, verniz para unhas, etc... (objectos estes que por vezes são suficientes para confirmar as desconfianças dos inquiridores nas suas secretas buscas aos domicílios de indivíduos espiados); mas também, outras vezes, a substância que fornece a «tinta simpática» está impregnada na ponta de uma gravata ou no canhão das piúgas, sendo suficiente molhar êsses pedaços de vestuário comum em água para se obter o produto desejado.

Ficou célebre o caso de Anton Kruppger, oficial da marinha do «Kaiser» Guilherme II, que se alistou na espionagem a fim de pôr ao serviço da sua pátria os seus conhecimentos técnicos, e que se servia dessa substância para indicar, de Liverpool (onde se fizera contratar como servente num café de marujos) o movimento de entradas e saídas no pórtos dos navios de guerra e de transporte. Os prejuízos que desse modo causou à marinha inglesa foram muito consideráveis.

Ora, foi um garoto de 14 anos, graças à sua inteligência precoce e à sua sagacidade, quem primeiro desconfiou do espião. Com efeito, certo

CONTRARIAMENTE ao que em geral se pretende fazer crer aos profanos, a fase mais perigosa, mais crítica, do trabalho de um espião, não é aquela em que êste cumpre a sua missão de observador no país inimigo, mas sim aquela outra em que, tendo já recolhido os seus apontamentos, pretende fazê-los chegar ao conhecimento da nação para a qual trabalha.

Passar nas imediações de um pórtos de guerra sob a aparência de um desocupado ou de um trabalhador em busca de emprêgo, tagarelar com soldados ou oficiais nos combóios ou nos cafés, é tarefa relativamente fácil para um agente hábil, porque se se torna suspeito tem sempre o recurso de alegar que só fez perguntas sob a determinante da sua própria curiosidade pessoal, e, assim, a prova da sua culpabilidade ficará por fazer. Mas a grande, a verdadeira dificuldade, aparece quando êle tem que confiar ao correio os resultados desses inquiridos. É nesse aspecto que se arrisca sempre

Num campo de concentração, na Alemanha de 1914, procede-se à execução de um civil e de um soldado russos, acusados de espionagem.

Nos serviços de controle, quer se trate dos correios, dos telégrafos ou dos telefones, a mulher, na outra guerra como nesta, passou a desempenhar um papel definitivo contra a espionagem inimiga.

a denunciar-se a si próprio e a ser prêso, sem evasiva ou alegação possível para se inocentar.

Assim se explica que o serviço de controle dos correios, ou seja a Censura Postal, adquira em todos os países em guerra uma importância muito maior que a de quaisquer outros serviços similares. Herbert Fitch, inspector dos serviços especiais da Scotland Yard, precisou que, durante o conflito de 1914-1918, um verdadeiro exército de 5.000 homens e mulheres cumpria diariamente a delicada missão do controle postal.

Diga-se entre parêntesis que, neste género de trabalho, as mulheres provaram — e isto é reconhecido por todos os peritos no assunto — que



5

ESPIÕES DE GUERRA A "TINTA SIMPÁTICA" POR PIERRE GOEMAERE

I—ESPIONAGEM DE ONTEM E DE HOJE. II—A ESPIONAGEM PERANTE A MORAL. III—EFICIÊNCIA DA ESPIONAGEM. IV—ARMAS SECRETAS. V—TINTA SIMPÁTICA. VI—MULLER, O DANDY ROWLAND, ESPIAO POR AMOR. VII—UM ALFINETE PODE PERDER UM HOMEM. VIII—SELOS E PEQUENOS ANÚNCIOS. IX—A BENGALA DE MR. ARCHIBALD. X—O ESPIAO CORREIO DE NANTES E O HOMEM DE PARIS. XI—AS SEREIAS E A MULHER QUE MUITO GOSTAVA DE OVOS. XII—HISTÓRIA DA BELA LIZZIE WERTHEIM. XIII—O DUPLO ESPIAO. XIV—MARTA RICHER, A SEREIA FRANCESA. XV—EMA STUBERT, AQUELA QUE BRINCAVA COM O CORAÇÃO. XVI—MATA-HARI FOI PREVENIDA DUAS VEZES. XVII—FRAULEIN DOKTOR, PROFESSORA DE ESPIONAGEM.

UM EXCLUSIVO DE "VIDA MUNDIAL ILUSTRADA"

dia, o petiz pediu para ser recebido pelo capitão do navio de carga em que era moço de bordo, e confluíu ao seu superior que o servente do «cabaret» tinha, diante dele, feito aos seus camaradas uma série de perguntas que, por um lado, lhe pareceram «muito precisas», e, por outro, «não deveriam normalmente interessar a um servente de «cabaret». Os marinheiros tinham respondido a todas as perguntas, e falado muito, sem desconfiarem de nada, enquanto o garoto se pusera a pensar maduramente no caso...

O capitão do barco escreveu sobre o caso o seu relatório, apenas «por descargo de consciência», e, como mais tarde disse, «sem convicção alguma», pois a fantasia do garoto lhe parecera «um pouco excessiva».

Um mês mais tarde o oficial Anton Kruppger era preso em consequência da vigilância exercida sobre o correio que expedia para a capital de uma nação neutra, a qual bem depressa revelou as preciosas informações que ele comunicava ao inimigo pelo processo da «tinta simpática».

Dois meses depois foi condenado ao enforcamento, mas não esperou pelo encontro com o carasco da Torre de Londres: na véspera da execução suicidou-se na sua cela por meio de um lenço que trazia ao pescoço. Numa ardósia que tinha pedido para aí se distrair a rabiscar arabescos, deixou escrita a giz a seguinte nota:

«Servi o meu país o melhor que pude. Já travei muitos combates e suportei muitas coisas. Há uma só coisa que não posso suportar e que a ninguém diz respeito senão a mim: esperar o momento do meu suplício. Executar-me-ei a mim próprio e entrarei na morte como numa libertação».

O garoto que, na ocasião do caso Kruppger, revelara a sua perspicácia e a precocidade dos seus dons, é hoje um dos mais distintos inspectores da *Scotland Yard*.

A seguir:

«MULLER, O «DANDY», E ROWLAND, ESPIAO POR AMOR»



Alfredo Krupp, o fundador das célebres fábricas a que deu o seu nome



MEMÓRIAS...

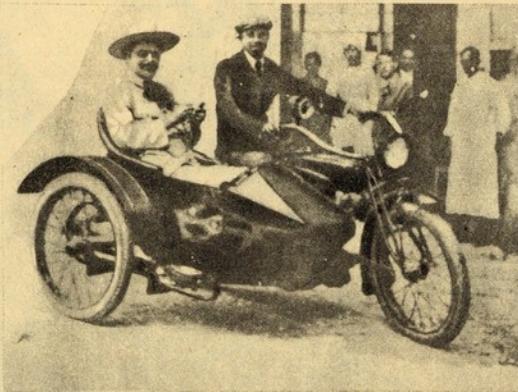
GRANDES

4 REPÓR- TERES

EVOCAM MOMENTOS
INESQUECÍVEIS
DA SUA ACTIVIDADE
PROFISSIONAL

ESCULÁPIO
CORDEIRO
BELO REDONDO
OLDEMIRO CESAR

PARA ESTAS CURTAS ENTREVISTAS, ENFEIXADAS EM UMA RÁPIDA REPORTAGEM, O LEITOR PODE IMAGINAR UM AMBIENTE COMUM. O QUE IMPORTA É O QUE OS ENTREVISTADOS DIZEM, E NISSO RESIDEM, AFINAL, O INTERESSE E O REALCE DA REPORTAGEM. NELA FIGURAM ALGUNS «REPORTERS» BEM CONHECIDOS DO PÚBLICO, COMBATENTES DA IMPRENSA À QUAL TEM DEDICADO TÔDA A SUA VIDA, LUTANDO POR ELA E PARA ELA, SEMPRE COM O MESMO ENTRANHADO AMOR E ANSIEDADE. E POIS QUE SE TRATA DE QUATRO «REPORTERS» DOS MAIS ANTIGOS E PORTANTO BASTANTE CONHECIDOS, POUCAS PALAVRAS BASTAM PARA LHE AVIVAR A PERSONALIDADE E FAZER A APRESENTAÇÃO.



Nos tempos duros da reportagem de ruas era assim que «Esculápio» se deslocava rapidamente para servir o seu jornal

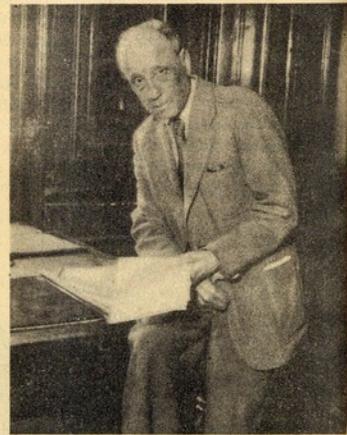
‘‘ESCULÁPIO’’

Jornalista profissional desde o ultimatum, Eduardo Fernandes (Esculápio) foi um dos «reporters» que mais se evidenciou no decorrer da sua longa e agitada carreira. Agora, já retirado há tempos do profissionalismo da Imprensa, o seu nome é ainda conhecido e a sua figura inconfundível continua a manter uma popularidade que não se desvaneceu com o tempo.

— Trabalho nos jornais há muitos, muitos anos... Calcule que fui um dos fundadores do diário «Pátria», com Hígino de Sousa, Brito Camacho, Estêvão de Vasconcelos e outros bem conhecidos. Nas colunas desse jornal os estudantes de medicina do tempo vasaram tóda a sua indignação patriótica contra a Inglaterra. Como isso vai longe... Posteriormente, com Alves Correia, fundei a «Vanguarda», entrando pouco depois para «O Século», onde, com curtas intermitências, dirigi a reportagem da rua durante meio século.

— Qual a sua mais impressionante reportagem? — A mais impressionante das minhas reportagens?... Sei lá bem qual foi!... Foram tantas, tão variadas, e num período em que a reportagem dos acontecimentos de rua tinha um interesse e uma vibração que já não tem hoje, que me é impossível determinar exactamente «a mais» impressionante — e, após um curto silêncio, o famoso «reporter» diz-nos: — Não teria sido a minha mais impressionante reportagem, mas foi um dos mais impressionantes momentos da minha vida: na madrugada do incêndio da Madalena, quando a tragédia alargava por tóda a rua, despertando o balro inteiro, uma das criancinhas que no último andar do prédio em chamas clamavam por socorro, atirou-se à rua. E caiu-me aos pés, meia queimada e numa poça de sangue. Este foi, sem dúvida alguma, um dos mais trágicos instantes que vivi, como jornalista e como homem.

AUGUSTO CORDEIRO



Um dos mais esforçados «reporters», cuja vida daria um admirável livro de memórias de estadistas, políticos e de... muitos que vivem à margem da lei. Faz serviço no Torel, junto da P. I. C., há muitos anos...

— Vai fazer cinquenta e um anos, a 3 de Novembro próximo, que entrei para os jornais. Comecei no diário «A Tarde», de mestre Schwalbach, na rua da Atalala. Chefiava a redacção Urbano de Castro, sendo redactores Machado Correia, Santos Júnior e Cruz Moreira (Caracoles).

Diário da Manhã

Diário de Notícias

Diário de Notícias

A RADIOLOGIA

«A minha reportagem mais sensacional e que mais me comoveu foi a do funeral do Conde de Casal Ribeiro. Estava eu, então, no «Século». Quando cheguei ao Alto de S. João, já tinha tomado nota dos nomes de todas as individualidades que constituíam o numeroso acompanhamento. Quando me dispunha a sair do cemitério, o conselheiro Hintze Ribeiro, que estava ao pé de mim, caiu fulminado por uma síncope. Outra cena trágica a que assisti foi o regicídio. Mas também tive uma ou outra nota alegre. Esta, por exemplo: certo dia o rei D. Manuel, ao visitar o hospital de S. José, quando entrou na cozinha não resistiu à tentação de comer um bolo. Como eu estava próximo dele e o fitava, o jovem soberano olhou-me e disse a sorrir: — «Agora não vá dizer para o jornal que sou guloso, hein?!». Como súbdito dedicado, prometi e cumpri. E «falhei» o pormenor.

melhor, porque ganhavam mais; e tinham mais fama porque escreviam para maiores tiragens.

OLDEMIRO CÉSAR



Quási quarenta anos de jornalismo, «queimado» no intenso trabalho de muitas redacções, Oldemiro César é bem um símbolo dos «forçados do jornalismo». Competentíssimo e muito querido dos camaradas, «O Mestre», como lhe chamam num misto de ternura e aprêzo na redacção do «Diário de Notícias», onde actualmente trabalha, confiou-nos as suas impressões para este inquérito. Damo-las ao público sem alterações, com todo o «sabor» pessoal que têm as páginas de Oldemiro César.

— Com 35 anos de jornalismo profissional — a idade da reforma! — abordando, como tenho podido e sabido, todos os géneros, tão variados, que ao jornalismo se prendem, desde o grave artigo de fundo ao reles da publicidade, não é de duvidar que muitas tenham sido as minhas reportagens vividas e sofridas, e entre elas algumas que profundamente me impressionaram. Uma destas, que de momento recordo, foi a de um desastre ocorrido em combóio, cujas vítimas vi descer, de madrugada, de um vagão de mercadorias na estação do Rossio para as macas que as deviam conduzir ao Necrotério. Gente pobre, Paí e filha, uma criança encantadora que tinha caído à linha. O pai, sem reflectir, atirara-se também pela portinhola, inesperadamente aberta, no intuito vão de salvar a pequenita, indo ao encontro da morte sob o

rodado do combóio. Irreconhecível. Pormenor comovedor: a pequenina não largara das mãos crispadas uma boneca, uma pobre e mísera boneca de trapos que ninguém teve a coragem de arrancar-lhe ao estenderem-na na maca imundo, com velhas nódoas de sangue que outro sangue fresco vinha agora reavivar. Assistia a isto a mãe, que os viera esperar à estação. Impossível descrever a cena...

«Outro episódio triste: — o fusilamento de um homem durante a guerra civil em Espanha. Aquí, pequei por mórbida curiosidade, accedendo ao convite para assistir à execução, coisa que nenhum interesse particular podia oferecer ao meu trabalho.

«E, para terminar, que se a ceara é abundante não sobra o espaço, um último episódio que nada tem de trágico, pelo contrário:

«Visita ao Jardim Zoológico, onde ia expor-se pela primeira vez ao público o primeiro hipopótamo que Lisboa ha conhecido. O Chefe do Estado, o bom dr. Manuel de Arriaga, de chapéu alto, honrava a cerimónia com a sua presença. Ministros, elemento oficial, jornalistas, a direcção do Jardim, eu e a minha mulher, que tinha arranjado suculento almoço para ali comermos *sub tegmine fagi*...

«De roda de um tanque a trasbordar de uma água límpida, fresca, transparente, a multidão dos convidados. A custo o bicho safou do seu abrigo, enxotado pelo guarda. Entrou na água, deitou a cabeça de fora e observou com o único olho de que dispunha. O outro estava perdido por uma pedrada que um selvagem lhe jogara no caminho do barco da carreira de África para o Parque das Laranjeiras...

«Olhou um momento, voltou as costas e... A água clara do tanque turvou-se de imundície, borbulhou de repente com um trovejar abafado. Dir-se-ia os efeitos de uma formidável purgante! Depois do que, o animal recolheu de novo pachorrotamente ao abrigo, satisfeito da sua acção imunda e desprezível, mas simbólica...

«Tive uma ideia: deixei abalar os convidados para um lanche oferecido pela direcção do estabelecimento, com o pouco appetite que é de prever depois daquele episódio, e entrei na jaula.

«Entrevistei-o. O que ele me disse sobre a selvajeria deste povo que apedreja estátuas e hipopótamos, safu na 1.ª página do «Século da Noite», com a nossa vera efígie fotografada pelo inolvidável Benoliel — fotógrafo de reis. Só me lembro que em vão o tentei consolar recordando-lhe que o nosso maior poeta também era cego de um olho, sem deixar de censurar-lhe a indelicadeza com que se portara perante tão ígrégios visitantes.

«A triste verdade, porém, é que tive de lhe dar razão.

«Pedradas daquelas que vazam o olho de um hipopótamo, para mais reduzido à indefesa condição de prisioneiro, nem no mais afastado e misterioso rio das plagas africanas, onde a arma leal para a caça ao hipopótamo não é positivamente, o calhau primitivo do homem das cavernas.

«Sim senhor: o bicho tinha carradas de razão...

Uma fotografia que pertence à história do jornalismo e da República: na véspera do 5 de Outubro, os jornalistas Avelino Mendes, Augusto Rato, Lutero de Morais, o Franco, o velho fotógrafo Beloniel — e Cordeiro — estavam na Alfândega à espera do barco que traria a «Caravela», jóia riquíssima, em ouro, trabalhada em filigrana, e que era oferta da colónia portuguesa a D. Manuel II. Com o triunfo das forças republicanas, a «Caravela» não chegou a ser desembarcada. Regressou ao Brasil e, do episódio e da longa espera dos jornalistas ficou esta foto feita por Garcez.



BELO REDONDO



Além de um livro de versos, já esgotado, é autor de «A Criminalidade e o Desporto», «A Cidade Maldita», 1.º prémio do Concurso de Romances Inter-Jornalistas, e de vários contos e novelas, entre os quais sobressai «A Cidade dos Fantasmas» — e é um jornalista curiosíssimo, como se verá.

— Entrei para o jornalismo, por vocação, há 30 anos — e devo dizer, sem recomendações nem empenhos — começando a levar para casa, aos 17 anos, o pão que o diabo amassava. Comecei no «Diário de Notícias», onde estou de novo, depois de passar pelo «Século», «Imprensa de Lisboa», «Imprensa da Manhã», «Diário da Tarde» e «Pátria», tendo colaborado num sem número de jornais e revistas. «A minha reportagem mais sensacional está por fazer, visto que não descanso nem fraquejo. Contudo, é-me grato recordar que lutei até descobrir a verdade da burla do Angola e Metrópole; de que me apaixonei no assírio da actriz Maria Alves; e de que viví nas reportagens das revoluções, desde 1915 para cá, e das quais não me escapou nenhuma. E se recordo com orgulho as entrevistas com Marconi, por duas vezes, o Marechal Joffre, Hitler, Alberto I, Pio XII, Miguel de Unamuno, D. Ramon del Valle Inclan, Afrânio Peixoto e Catullo da Paixão Cearense, é com tristeza que me acodem também à memória assassinos e ladrões, as almas incompreendidas do crime.

«No entanto, a notícia que mais profundamente me perturbou foi a que del no «Século», na madrugada de 11 de Novembro de 1918: Acabou a guerra! Estou a preparar-me para resiltar a mesma grande «caixa», anunciando como nessa data: «Acabou a guerra!». Muitas vezes tive a vida em perigo, sofri, conheci a ventura e a angústia, andei com reis e miseráveis. Não sei de profissão mais exigente e mais gloriosa, mais dinâmica e mais surpreendente. No contacto com os grandes mestres da reportagem de lá de fora, senti que o meu orgulho e a minha tenacidade eram tão fortes como os deles. Simplesmente o que acontecia era que eles comiam

Diário da Manhã
Diário de Lisboa
Journal do Comércio



A Livraria Portugália, mercê do esforço inteligente e ousado dos seus gerentes, tomou a iniciativa, a todos os títulos louvável, de inaugurar no Pôrto uma nova livraria, filial da sua casa de Lisboa. Tanto pela sua grandeza como pela sua apresentação, com os seus amplos salões e a sua decoração verdadeiramente notável, essa nova livraria da capital do norte ficará sendo não só uma das melhores do país como da própria península. O acto da sua inauguração, realizado há dias, constituiu um grande acontecimento, e a ele assistiram as figuras mais representativas da vida intelectual do Pôrto, algumas das quais vemos na foto acima, acompanhadas pelos gerentes da nova livraria, srs. Raúl Dias, Pedro de Andrade, Alfredo Rezende e Dr. Botelho de Sousa, a quem todos os presentes renderam justa homenagem pela sua feliz iniciativa.

EDIÇÕES ROMERO

apresentam um dos romances mais geniais de todos os tempos, que tem causado o encanto de muitas gerações

AS AVENTURAS DO SR. PICKWICK

a obra que immortalizou e enriqueceu o grande romancista inglês

CHARLES DICKENS

O romance em que brilha a grande altura o humorismo inegalável dos ingleses, e que melhor revela a fleugma, a graça, a tradição, a tenacidade e a vida sábia da gente britânica!

Versão portuguesa de
Raúl Feio

Desenhos do pintor Álvaro Duarte de Almeida

O SENHOR PICKWICK

um grande e encantador amigo que vai entrar em sua casa, divertindo velhos e novos com a narração das suas mirabolantes aventuras.



Cada tómo, ilustrado, em papel imitação «couché», capas de cartolina com tricômias, constitui só por si um pequeno volume brochado de uma linda colecção!

AVULSO: 5\$00

Série de 5 tomos	25\$00
Série de 10 tomos	45\$00
Obra completa (20 tomos)	90\$00

Faça a sua assinatura para

EDIÇÕES ROMERO
RUA DO ALECRIM, 46
TELEFONE 26891 ~ LISBOA

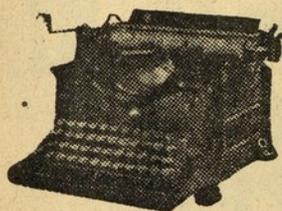
DETECTIVE
MAGAZINE

SAI FINALMENTE
NA PRÓXIMA TERÇA-FEIRA
DIA 24
O GRANDE SUPLEMENTO POLICIAL DE
VIDA MUNDIAL ILUSTRADA

36 páginas Esc. 2\$50
Uma sugestiva capa a 3 côres

COMPRA AVULSO OU FAÇA A SUA ASSINATURA. SENDO ASSINANTE DE «VIDA MUNDIAL ILUSTRADA», RECEBERÁ «DETECTIVE» GRATUITAMENTE.

Pedidos desde já à
Rua da Emenda, 69-2.º — Lisboa



A. C. Cardoso

Reconstruções e reparações em máquinas de escrever e calcular
ORÇAMENTOS GRÁTIS
COMPRA, VENDE E TROCA
RUA ANTÓNIO PEDRO 24, 1.º-Dir.
TELEFONE 52458



QUANDO HITLER ANUNCIOU QUE A ALEMANHA IA PASSAR A DEFENSIVA, SOBRE DORTMUND AS BOMBAS HAVIAM JÁ CAÍDO, REDUZINDO À RUÍNAS A IGREJA DE S. PETRI, MONUMENTO DO SÉCULO XIV.



O dia 30 de Setembro de 1924 o chanceler do Reich pronunciou um discurso que causou, em todos aqueles que vinham seguindo atentamente a evolução dos acontecimentos nos campos de batalha, uma surpresa compreensível. Que dizia, em resumo, nesse discurso, o chefe político da Alemanha que era,

simultaneamente, o comandante supremo das suas forças armadas e realizava, nas suas mãos onipotentes, uma concentração de poderes sem precedentes? De facto, remontando no curso da história alemã, não era possível descobrir qualquer paralelo fundamentado entre a situação de Adolfo Hitler e a dos seus antecessores que, como ele, haviam dirigido os destinos da nação alemã nas fases cruciais da sua existência: Frederico II, Guilherme I ou Guilherme II.

Senhor dos destinos do povo alemão, o chanceler Hitler anunciava-lhe, ao fim de três anos de uma guerra exaustiva, em que todo o seu futuro fóra pôsto em causa, que a Wehrmacht ia passar à defensiva em toda a parte onde os seus homens estavam empenhados num esforço heróico para consolidar as aquisições territoriais feitas. Que motivos inesperados haviam surgido para que a direcção da guerra na Alemanha se decidisse a abandonar a sua política, seguida escrupulosamente até essa altura, da conquista ilimitada e da expansão pelos espaços continentais que se ofereciam ao avanço dos seus exércitos?

A crise que os adversários da Alemanha acabavam de atravessar no Verão desse ano, recheado de episódios dramáticos e inesperados, parecia irremediável. No próprio dia em que Churchill se encontrava na Casa Branca a conferenciar com o Presidente dos Estados-Unidos, chegara a notícia da conquista de Tobruk e da rendição da sua guarnição em condições inexplicáveis. Na frente leste o recuo dos exércitos soviéticos acentuava-se cada vez mais, e nada indicava que êle viesse a deter-se. Os alemães encontravam-se nas margens do Volga e combatiam nas ruas de Estalinegrado, aproximavam-se rapidamente do Nilo e ameaçavam Alexandria. O continente europeu estava completamente dominado pelo espectáculo do seu poderio imenso. De Kirkenes, na Noruega, à baía de Biscaya, e da Mancha ao Mar Negro, as sentinelas alemãs vigiavam para que a sua obediência fosse completa e para que o esforço dos seus habitantes alimentasse incessantemente a sua máquina de guerra.

O QUADRO VERDADEIRO DA SITUAÇÃO POLÍTICA E MILITAR

A cuidar apenas pelas aparências, a vitória da Alemanha parecia, não apenas iminente, mas fatal. Que significado devia, portanto, atribuir-se ao discurso inesperado e sensacional do chanceler? A verdade é que o panorama das aparências pouco tinha de comum com o fundo das realidades, e eram estas que iam condicionar a marcha dos acontecimentos nos campos de batalha, no continente europeu e fora dele.

Longe de pronunciar uma vitória próxima e inelutável da Alemanha, as realidades começavam a ser francamente desfavoráveis para ela. A pri-

meira, e mais dramática, dessas realidades era o malogro da guerra relâmpago planeada pelos chefes militares alemães para a realização dos seus objectivos. O tempo começara a fazer sentir, inextinguivelmente, a sua acção, e o sentido real em que a influência do tempo se fazia sentir não deixava margem para dúvidas. Como na primeira conflagração mundial, a Alemanha começava a ser vencida por êle.

A segunda realidade, que se perfilava ameaçadoramente no horizonte das preocupações alemãs, era a existência de uma coligação poderosa que ela ia ser obrigada a defrontar, e que se encontrava animada, qualquer que fossem os motivos de divergência que separavam os seus membros, pela resolução inabalável de levar a guerra até à vitória. Por muito precários que fossem os alicerces dessa coligação, era evidente que nenhuma das grandes potências que a compunham se mostrava disposta a deter-se a meio do caminho e a concluir, com o inimigo comum, uma paz de compromisso que seria apenas uma trégua.

Em terceiro lugar, havia a considerar a falta de coesão que o bloco totalitário nunca deixara de revelar, mesmo nas fases da guerra em que a sua vitória parecia mais próxima. O Japão continuava a procurar a realização dos seus objectivos próprios na esfera de co-prosperidade asiática e na área do Pacífico. A Itália revelara-se mais um fardo do que um aliado, e o auxílio que fóra necessário prestar-lhe, em África e no Mediterrâneo, saldara-se por uma dispersão perigosa de forças alemãs. Os pequenos países, geralmente designados por «satélites» do Eixo, ou procuravam satisfazer as suas aspirações nacionais (Finlândia e Hungria) ou manifestavam uma relutância crescente (Roménia) em continuar a fazer sacrifícios por uma causa que não sentiam, ou recusavam-se mesmo, ostensivamente (Bulgária), a participar activamente na luta ao lado do Reich.

AS BATALHAS DA PRODUÇÃO E DOS TRANSPORTES

Estes motivos de preocupação fundamentais eram agravados pela afirmação do poderio crescente dos Aliados. À medida que o tempo decorria, o esforço industrial norte-americano revelava-se cada vez mais vigorosamente, por toda a parte. A indústria russa, duramente atingida pela invasão e pelas suas consequências, não pudera ser completamente anulada. E a indústria britânica, apesar das suas possibilidades mais restritas, encontrava-se, ao contrário do que seria de supor perante a intensificação dos bombardeamentos aéreos durante os anos de 1941 e 42, em pleno desenvolvimento, ao mesmo tempo que os recursos e a capacidade de produção dos Domínios eram largamente utilizados.

Em contrapartida, eram os efeitos dos bombardeamentos Aliados sobre a Alemanha que começavam a fazer-se sentir duramente. Esses bombardeamentos, ao contrário do que muitos peritos militares acreditavam e afirmavam, nunca podiam conduzir, só por si, a uma decisão do conflito. Mesmo no aspecto restrito dos prejuízos que infligiam à máquina de produção alemã, os cálculos mais sérios e fundamentados não os avaliavam em mais de vinte cinco por cento da totalidade das máquinas e engenhos de guerra produzidos na Ale-

COM O DRAMÁTICO DISCURSO DE 30 DE SETEMBRO DE 1940, HITLER VINHA COLOCAR O MUNDO PERANTE UM NOVO PANORAMA POLÍTICO.

HISTÓRIA da NOVA GUERRA MUNDIAL

POR CARLOS FERRÃO

CAPÍTULO XXVII A GRANDE OFENSIVA DOS ALIADOS

manhá. Mas esses prejuízos vinham somar-se a uma crise aguda de potencial humano e agravava os seus resultados, de maneira constante. Numa palavra, embora sem que essa vitória se revestisse aos olhos da maioria das pessoas de um carácter espectacular, os Aliados tinham já ganho no Outono de 1942 a batalha da produção ao mesmo tempo que os alemães perdiam a batalha dos transportes pelo malogro da guerra submarina.

PERSPECTIVAS MILITARES NO OUTONO DE 1942

Estes factos começavam a encontrar a sua expressão adequada no domínio das realizações militares. A Wehrmacht não pudera aniquilar o exército russo ao fim de um ano e meio de luta. No inverno anterior, os russos, pela realização duma campanha em grande escala, tinham mesmo revelado a sua capacidade para passar à ofensiva no momento em que as condições do tempo lhes fossem favoráveis. Embora profundamente sangradas, as forças soviéticas continuavam a constituir um adversário temível.

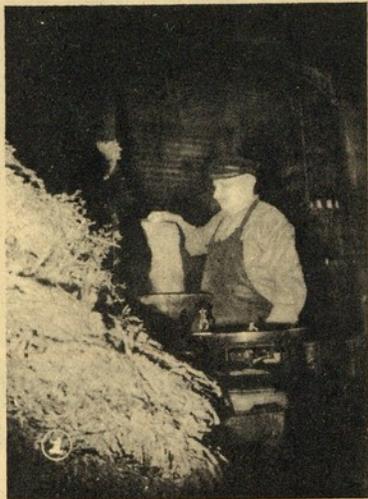
Os anglo-americanos acumulavam em África os meios materiais indispensáveis para darem, oportunamente, réplica ao marechal Rommel. Depois de terem detido, em Julho de 1942, a progressão das tropas do Eixo a caminho do Canal de Suez, os ingleses não tinham ainda deixado, quando o Führer proferiu o seu discurso de 30 de Setembro de 1942, de mandar reforços e armas para retomar a ofensiva e libertar definitivamente o território egípcio da ameaça que representava a presença de um exército italo-alemão numeroso, excelentemente adestrado e fortemente municiado. Mas nem a presença de tropas nem o envio de material de guerra bastavam para preparar, só por si, a vitória. A falta de um comando experimentado e suficientemente maleável para se adaptar às realidades da guerra moderna fóra, até essa altura, a falha essencial que emperrava o funcionamento da máquina militar britânica. Essa falha ia ser suprimida pela revelação de uma «élite» de oficiais e chefes, que se havia preparado na dura escola do sacrifício, para enfrentar, em igualdade de circunstâncias, o comando alemão e os quadros da Wehrmacht, geralmente considerados os melhores do mundo.

(Continua)



A
FRANÇA
RESSUS-
CITA

E OS LICORES DA SUA MESA, LEITOR, VOLTARÃO A SER SERVIDOS!



1 Aqui temos, em primeiro lugar, a pesagem das plantas aromáticas de que é feito o licor.

FÉCAMP é uma pequena cidade no Sena-Inferior, na costa da Mancha, a 40 quilômetros do Havre, fundada no tempo dos romanos. Apertada entre colinas, estende-se numa longa rua de mais de 3 quilômetros. O seu pólo, várias vezes ampliado e aprofundado, é o primeiro de França para as armações da pesca do bacalhau e do arenque, e de grande importância para o comércio marítimo.

Da antiga abadia Benedictina da Trindade, que na Idade Média deu grande importância a Fécamp, apenas existe hoje um dormitório e uma sala capitular. Esses monumentos históricos dos séculos XIII e XIV.

Essa Ordem dos Benedictinos foi fundada no ano de 529. Mas, menos de meio século depois da morte de S. Benedicto, a subida ao trono pontifical de S. Gregório, o Grande, membro dessa Ordem, provocou a sua difusão. Foi o papa S. Gregório quem entregou a missão de converter os anglo-saxões, a 40 monges, sob a direcção de S. Agostinho, os quais, unindo-se aos discípulos de S. Columano, foram pregar o Evangelho às tribos germânicas de além-Reno. A Ordem tomou grande expressão e teve importante papel económico e social. Em volta das suas abadias formaram-se cidades, como St. Quentin, Augsburg e muitas outras.

A partir do ano de 910, a Ordem dividiu-se em diversos ramos monásticos, enquanto as regras de S. Benedicto, em Portugal — se formavam segundo as regras de S. Benedicto, regras que sempre suplantaram as outras.

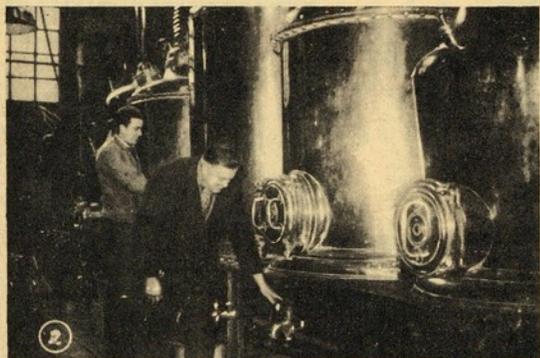
Agora, porém, que chegámos a este ponto, o leitor perguntará:

— Mas, afinal, a que propósito vem a história monástica de S. Benedicto?

— Nós, muito simplesmente, explicamos:

— Foi essa Ordem, foram os monges de S. Benedicto, os de Fécamp, quem descobriu, inventou e fabricou, entre muros, a fórmula dos famosos licores que

(Continua na pág. 18)



2 Nas grandes caldeiras, hoje que o «Benedictine» deixou de ser indústria caseira, faz-se a destilação.



3 O provador deu o licor por pronto. Agora, é o engarrafamento. E, em breve, poderá, haja como ontem, circular por todo o mundo.



4 A etiqueta, o selo de origem, aquilo que torna a marca invariável e inconfundível, é uma operação para mulheres.



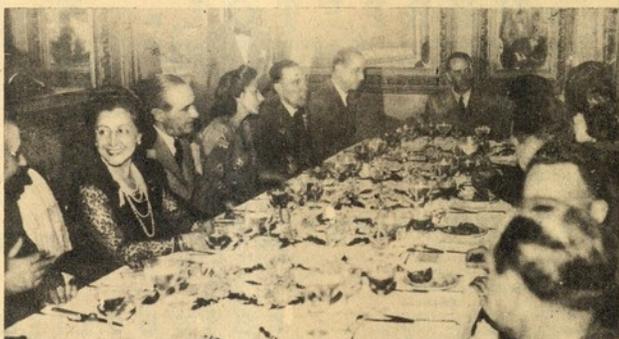
5 Como se vê, as reservas de álcool existem já em França, para assegurar uma fonte de receita incalculável e dar aos franceses o bem-estar e conforto por que tanto anseiam.

6 Lembrem-se do martírio do «Padre Gaucher», de Daudet, por causa das provas do licor? Aqui está uma imagem do martírio...





O sr. dr. Oliveira Salazar, primeiro Ministro e Ministro dos Negócios Estrangeiros, esteve na Embaixada dos Estados Unidos a apresentar, em seu nome pessoal e em nome do Governo de que é chefe, suas condolências pela morte do Presidente Roosevelt. Na foto, vêem-se, além do chefe do Governo português e do chefe do protocolo, os adidos militar e naval dos Estados Unidos, já à saída do sr. dr. Oliveira Salazar.



Chefiada pelo general Gallarza, um grande nome da aviação militar do país vizinho; esteve em Lisboa uma representativa missão aeronáutica espanhola — mais um laço a apertar as relações peninsulares e uma excelente afirmação do espírito que nos une à Espanha. As visitas, as afirmações públicas prestadas mostram o alto grau de interesse e apreço em que foi tida a visita dos oficiais espanhóis que vemos na foto, acompanhados de senhoras de suas famílias, durante um dos banquetes que lhes foi oferecido.



Na Sociedade de Ciências Agrónomicas, prossegue o ciclo de conferências promovidas pelos serviços oficiais do Ministério da Economia. A quarta efectuou-se há dias e foi conferenciada da tarde o sr. engenheiro Luís Fialho Júnior, inspector geral das indústrias e comércio agrícolas, que falou de assuntos intimamente ligados à sua especialização.

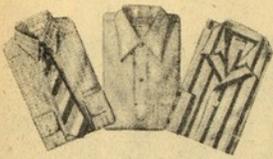


Foi uma linda e expressiva festa, a que o Instituto Pasteur de Lisboa promoveu para celebrar os seus incansáveis cinquenta anos de existência. Eram cerca de quinhentas as pessoas que tomaram parte no banquete de confraternização e que se reuniram à volta do fundador do Instituto, o sr. Virgílio Leitão, vendo-se, ainda, entre a assistência, médicos e professores universitários. Nas fotos, vemos um aspecto da assistência e um flagrante do momento em que o sr. Virgílio Leitão concedeva um dos funcionários da casa com a medalha de ouro do I. P. L.



A Casa do Alentejo não quis deixar esquecido um dos melhores nomes literários da sua província e um dos nomes que mais ilustraram as letras pátrias. Numa sessão presidida pelo sr. dr. Júlio Dantas, e onde esteve, entre outras figuras ilustres, o poeta António Correia de Oliveira, o conde de Monsaraz foi evocado pelo sr. dr. Carlos Pires de Lima da Fonseca, através de uma conferência com o título de «O conde de Monsaraz e o seu tempo».

"Thetis"

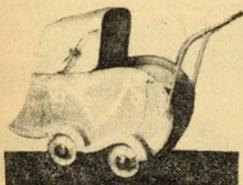


**O CAMISEIRO
DOS QUE VESTEM
COM DISTINÇÃO**

RUA DA PALMA, 165-165-A



**CARRINHOS
PARA BEBÉS
E CADEIRINHAS**



Fabrinca

os melhores

a pronto ou com
facilidades
de pagamento

J. BOSTA & SILVA, L.^{da}

R. Arco de Bandeira, 79, 1.^o
LISBOA Telefone 26713

(atende-se a provincia)



**A MARQUESA
DE SOUSA
BOTELHO**

(Continuação da pág. 3)

rido, todo o País conecia a celebríssima Condessa de Flahaut como a amante preferida do cínico Talleyrand. Vivendo galantemente na putrefacta sociedade do Príncipe de Benavente, conhecendo-lhe e acatando-lhe toda a sua podridão romântica, o espalhafatoso adúltero dos salões parisienses fazia fala do seu exagerado romantismo, e punha-o em tese nos seus livros. Foi ela quem fez do seu desvergonhado neto o exemplo vivo e praticante das suas audácias extra-morais. Diz um dos seus biógrafos: «Esta dinastia Sousa-Flahaut-Morny é, na verdade, a verdadeira família romântica, em todo o seu esplendor, em toda a sua flagrante e oficial revolta contra o código, contra os costumes, contra os entraves sociais».

O seu livro *Adélia de Sénanges*, é uma auto-biografia, e teve, em Paris, um êxito retumbante. No entanto, a esta descabelada pouca vergonha, chamou um biógrafo português: «obra delicada e cheia de amáveis cenas da vida familiar!», quando, afinal, o pobre lord Sydenham não era mais do que o velho marido Conde de Flahaut...

Na *Condessa de Fargy*, faz-se ainda mais ao vivo a pintura destes costumes dissolutos. Foi por esta mulher, inconscientemente culta, bonita, elegante, que se apaixonou o nosso Marquês de Sousa Botelho, por ela trocando a Embaixada de S. Petersburgo, em 1805, e deixando-se ficar em Paris, nos seus braços tentaculares, a preparar a sua magnífica edição dos «Lusiadas» (1817-1819) que todos os camonianistas comecem e apreciam.

Quando Sousa Botelho morreu, tinha a Marquesa 64 anos, e só por isso a não vemos em terceiras núpcias nos restantes onze anos que ainda por cá andou...

JOÃO PAULO FREIRE

**DA SEITA DOS
ASSASSINOS**

(Continuação da página 19)

Trazidos à presença do chefe, êste ultimo interrogava-os a respeito do lugar onde estado, ao que os jovens respondiam invariavelmente: «No Paraíso, pela graça de Vossa Alteza», e, a seguir, diante de toda a corte reunida, que os escutava com pasmo e ávida curiosidade, passavam a descrever minuciosamente as cenas maravilhosas de que tinham sido testemunhas e participantes.

Acto contínuo, o chefe dirigia-se-lhes nestes termos: «Temos a promessa do nosso Profeta, de que o êste que defender o seu senhor, receberá, em troca, a sua parte na herança do Paraíso, e se vos deovardes à obediência às minhas ordens — é esta a sorte feliz que vos espera».

Animados até ao entusiasmo por semelhante promessa, todos se dispuzeram a cumprir zelosamente as ordens do seu Mestre, sendo os primeiros a morrer ao serviço d'êle. Nenhum d'êles recuava perante o risco de sacrificar a vida, a que pouca importância atribuíam, desde que pudessem executar a vontade do seu Mestre.

Até aqui vai a maravilhosa descrição do grande vilante vençano. Este uso deu origem a que os árabes designassem os homens da legião de Hassan pela alcunha de «hachichim», que quer dizer, «os que tomam hachiche», e daí provém a palavra «assassin», que, desta maneira, foi adoptada e adaptada pelo vocabulário das línguas europeias.

Esta grande casta existiu até à invasão dos mongóis, comandada pelo Cão Hulagu, que a destruiu no século XIII.

Entretanto, porém, tinha-se fundado, na Síria, uma «sucursal», que entrou na História europeia, graças à sua luta fanática contra os Cruzados. Um século depois, os Ismaelitas deixaram de exercer qualquer poder político, porque o mestre da Ordem dos Assassinos havia falecido, sem deixar sucessor digno e capaz de continuar a sua obra.

Em fins do século XVIII, os herdeiros do grande Hassan haviam degenerado numa seita minúscula e insignificante, praticamente pouca mais do que umas escasas famílias sobreviventes.

As irmãs Meireles em Madrid

(Continuação da pág. 6)

húngaro, Ladislau Vajda, não é chefe mas sim amigo mais velho e mais sabedor... Estamos muito contentes, creia.

Já na carruagem, comprimidos uns contra os outros tal como sardinhas em conserva (o «Metros» é assim em toda a parte), no meio de uma multidão faladora e sempre alegre, aquela linda rapariga a quem profetizamos os maiores triunfos artísticos, falou-nos da sua actuação em «Um Homem às Direitas» que, por completo, ignorávamos.

E uma vez no hotel, agora cómodamente instalados entre os braços de uma bisonha poltrona azul, ouvimos dizer a Humberto Madeira, o conhecido imitador alfacinha que o público lisboeta tanto aprecia, que se sentia igualmente em Madrid «como peixe na água» e que, com a maior calma e grande desejo de acertar, aguarda o supremo momento de enfrentar a «câmara».

Humberto Madeira é também de opinião que o Cinema espanhol está mais adiantado do que o português. Acha uma medida muito acertada a protecção oficial do Estado espanhol à sua indústria cinematográfica. Porém, quanto à «dobragem», diz-nos que em seu entender a mesma rouba toda a emoção aos filmes. «Não posso com um Douglas Fairbanks a falar espanhol!...» — termina dizendo.

E assim falaram as «Irmãs Meireles» e Humberto Madeira na tarde primaveril e algo quente del *Viernes Santo* de 1945.

LUIZ QUADROS

UMA GOTA DE «HERPETOL»

E O DESEJO DE COÇAR PASSOU. A IRRITAÇÃO E DOMINADA. A PELE REFRESCA-SE E O ALIVIO COMEÇA

«HERPETOL»

E UM MEDICAMENTO SERIO E CERTO PARA TODOS OS CASOS DE ECZIMA (HUMIDO OU SECO), CRUSTAS, FERIDAS, ERUPÇÕES, ARDENCIAS NA PELE, ETC. ATÉ HOJE AINDA NÃO APARECEU COISA MELHOR

À venda em tôdas as farmácias e drogarias

Preço avulso: 11\$00



**MAX WERNER A França
ressuscita**

(Continuação da pág. 5)

A invasão da Europa estava, então, ainda no domínio dos projectos. Mas a antecipação luminosa de Werner acaba de ter plena realização.

1. — A iminência da vitória aliada na Europa precipitou os acontecimentos no Extremo Oriente e no Pacífico.

2. — A Rússia, denunciando o pacto de amizade que assinara com o Japão afirmou, implicitamente, o propósito de colaborar na guerra do Pacífico, associando-se à vitória americana naquelas paragens.

3. — O caminho para Tóquio foi aberto com o desembarque na Manchã.

Os acontecimentos, neste caso como em tantos outros, não fizeram mais que confirmar as antecipações audaciosas de Max Werner, o profeta desta guerra, que vende os seus livros por milhões de exemplares e ganha milhões de dólares com os seus escritos.

(Continuação da pág. 6)

ainda hoje são preferidos — e imitados — em todo o mundo.

Como vive, hoje, porém, essa indústria que tanto contribuiu para a riqueza da França, depois de tantos anos de desorganização?

As imagens que damos juntamente asseguram-nos que os licores «Benedictine», como os perfumes e os artigos de luxo — voltam a ocupar na balança económica francesa aquêl alto expoente, aquêla insuperável expressão que é capaz de criar estabilidade, equilíbrio e prosperidade — pois são êsses três produtos a principal moeda de troca da França.

A distinção dum lar completa-se com as



À VENDA EM TÔDAS AS CASAS DA ESPECIALIDADE
E NOS SEUS DEPÓSITOS DE LISBOA E PÓRTO

ASCENSÃO E DECLÍNIO...

DA SEITA DOS ASSASSINOS

Uma organização de que se falou a propósito de LORD MOYNE

por SCHMULEVITZ

NOSSO CORRESPONDENTE ESPECIAL NO MEDIO-ORIENTE



Lord Moyne, «Ministro Residentes no Médio-Oriente, que succedeu a Casey e que foi morto no Cairo recentemente

tória oriental, cujos sectários se separaram do Islão, na sua forma de então.

Instalado no seu burgo de Alamute, num canto da Pérsia, a sudoeste do Mar Cáspio, no ano de 1090, Hassan estabeleceu a sua fama como chefe dos Assassinos, designação sob a qual os seus apáiguados se tornaram conhecidos, semeando a morte e o terror entre os seus vizinhos.

Foi este um dos primeiros casos da História, em que extáticos religiosos abusaram tanto da sua mania espiritual, como de métodos científicos criminaes, a fim de atingir o seu objectivo de dominação política e espiritual.

Através dos séculos que decorreram de então para cá, devem creditar-se muitos milhares de assassinos na conta desta horrorosa sociedade.

Os simpáticos cavalheiros dividiam-se em três grupos. O primeiro era constituído pelos noviços, que avançavam através da «instrução primária», que compreendia sete «cursos» ou fases distintas. O segundo grupo consistia nos «iniciados», espécie de missionários, encarregados de peregrinar por terras do Islão fora, propagando a nova crença cismática e anti-muçulmana.

Porém, Hassan era um tipo demasiadamente realista para ignorar que, naquela época e, em tais territórios e circunstâncias, a religião devia confiar na espada, mais do que na própria eloquência das idéias. Por conseguinte, formou a terceira divisão da sua sociedade, um contingente, semelhante a uma «Legião Estrangeira», recrutada entre aventureiros e assassinos profissionais, em cuja disciplina se podia apoiar sem receos.

Num mobilização desta terceira divisão effectou-se duma maneira bastante romântica. Hassan costumava escolher jovens de comprovada bravura, convidando-os para a sua côrte nas montanhas da Pérsia setentrional e, a breve trecho, a fama da sua «Legião Estrangeira» difundia-se pelo país fora. Os candidatos apresentavam-se um após outro, até que o chefe conseguia reunir à sua volta milhares de aventureiros e desesperados, que representavam uma respeitável força combatente de primeira categoria. Hassan assegurou-se da prontidão destes moços de morrer por ele, pelo seguinte sistema engenhoso, cujos pormenores curiosos passamos a descrever pela boca de Marco Polo, o grande explorador italiano, contemporâneo daquela época:

«Num vale encantador, entre duas montanhas elevadas, Hassan plantara um jardim luxuoso, exuberante em todos os frutos deliciosos e todos

os arbustos fragrantes que se podia ter imaginado. Palacetes de tamanhos e estilos variados haviam sido erguidos em diversas partes do vale, ornamentados de obras de ourivesaria e pintura e recheados de preciosas mabilias e sedas.

Estes pavilhões eram habitados por belas senhoras, jovens e elegantes, instruídas nas artes de cantar, bem tocar em toda a sorte de instrumentos musicais, bailar e — especialmente — na arte da sedução erótica.

O chefe entretinha na sua côrte determinado número de jovens, escolhidos entre os habitantes das montanhas circunvizinhas, que manifestavam ardor e vocação pelos exercícios marciais, e pareciam possuir virtudes de coragem e ousadia.

Era prática cotidiana pregar-lhes a respeito do Paraíso anunciado pelo profeta, e sobre a sua faculdade de conceder o direito de admissão. De vez em quando, ministrava hachiche a uma dúzia de jovens, e quando estavam semi-aturdidos pelo efeito do estupefaciente, mandava transferi-los para alguns dos compartimentos do palacete do parque.

Acordando da sua letargia, os seus sentidos ficavam como que paralizados por todos os deliciosos objectos que acima mencionámos: cada um deles via-se cercado de lindas raparigas, que cantavam, brincavam e atraíam a sua atenção por meio das mais fascinantes carícias, e lhes serviam carnes e vinhos de paladares celestes e esquisitos. Embriagados por excessos de gozo, entre verdadeiros rios de leite e vinhos, os jovens não tinham a menor dúvida de se encontrarem no maravilhoso Jardim de Eden, sentindo-se relutantes de abandonar as suas delicias encantadoras.

Decorridos quatro a cinco dias, o chefe dava ordem para transferi-los, mais uma vez, ao País dos Sonhos, por meio de hachiche, e tirá-los do jardim.

ECENTEMENTE, o crime do Cairo, que victimou Lord Moyne, representante inglês no Egipto, chamou a atenção do mundo para um jovem judeu depois condenado à morte e acusado de pertencer a uma seita secreta. Sobre os factos e os cadáveres, correu-se discretamente uma cortina.

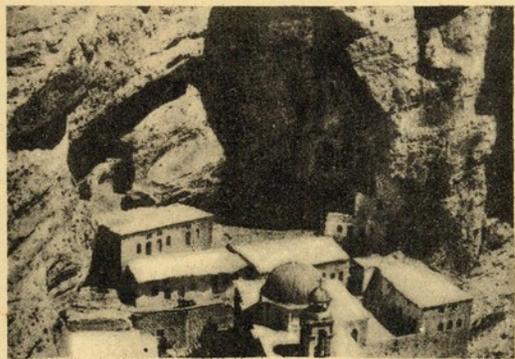
Mas S. Schmulevitz vem levantar uma ponta do véu que encobre essa associação secreta — «A Seita dos Assassinos», enviando-nos este curioso artigo.

Um relatório recentemente publicado pelas autoridades francesas da Síria, veio lembrar-nos que uma das mais estranhas sociedades secretas de todos os tempos continua a sobreviver: a grande «Seita dos Assassinos», que gozou duma existência florescente durante a Idade Média, e que decaiu, recentemente, até ao ponto de haver necessidade de as autoridades francesas lhe prestarem assistência.

A terrível e extraordinária seita dos Ismaelitas, como a princípio se intitulou, foi fundada na Pérsia, em fins do século XI, por Hassan, uma das personalidades mais estranhas e violentas da his-



A Síria é um país ainda cheio de pitoresco e de interesse, pelos valores humanos que representa e o mistério que encerra. Para lá destes misticos calmos e compenetrados, que outras «pessoas» existirão néles?



Defendendo-se do terreno, o sirio construiu na rocha a sua aldeia. É pitoresco, decorativo — mas, por isso, nos faz lembrar o mistério do Oriente...



A

história de Loretta Young ilustra, singularmente, os caprichos da sorte. Esta rapariga, que dimana suavidade e doçura, nasceu na cidade do Lago Salgado, em Utah, e que foi, em tempos longínquos, a terra da promessa dos mormonos. Seu irmão Jack trabalhava nos estúdios, como assistente do realizador George Melfford.

E levou para o cinema Polly Ann, a mais velha das duas irmãs.

Um dia, Marvyn Le Roy telefonou para casa de Jack a pedir que dissesse a Polly Ann para se apresentar nessa tarde, a fim de fazer uma prova, com destino ao filme que ia produzir. Como Polly estivesse ausente, Jack voltou: «Mando-te antes a minha irmã mais nova, Loretta. De resto, são parecidíssimas. E não perderás com a troca».

O «test» satisfaz. Loretta veio para o cinema deste modo. Em 1929, era eleita «vamps» Baby Star. E, desde então, não mais deixou de filmar. Hoje, Loretta Young é uma das mais célebres vedetas da tela.

UMA SUGESTÃO DE WINSTON CHURCHILL



WINSTON Churchill, conversando, há dias, com o grande produtor Samuel Goldwyn, que se encontra em Londres, trocou com ele várias impressões sobre o cinema, especificando que os seus reparos eram os de um simples espectador, não muito versado no conhecimento das vedetas da tela.

— Entendo — declarou o Primeiro Ministro — que havia de toda a vantagem em contratar uma artista loira e outra morena, sempre que o filme confira papéis igualmente importantes a duas mulheres diferentes, que disputem, por exemplo, o amor do mesmo homem. Ainda há dias, vi uma fita neste género, interpretada pela Hedy Lamarr e pela Joan Bennett. Pois aconte-



Betty Grable e sua filhinha, Vicky, no dia do primeiro aniversário da pequerrucha, festejado no mês passado.



Betty e seu marido, o famoso trompetista Harry James, assistem a um combate de «box», com visível entusiasmo!

BETTY GRABLE, MÃE DE FAMÍLIA

E' uma das favoritas do mundo! Os rapazes sonham com ela. Os soldados, que combatem nas diversas frentes, trazem consigo os retratos desta rapariga loira, que é a sua «pin-up girl». Betty Grable, a dinâmica intérprete de «Rosa, a Endiabrada», é a encarnação maravilhosa do tipo de mulher ideal da mocidade americana dos nossos dias.

Apaixonada e ardente, quer nos filmes de ambiente tropical, quer nas comédias dos «gay nineties» — Betty Grable é, afinal, na vida privada, uma simpática mãe de família. Casada com Harry James, o maior «trompete» do mundo, capaz de galvanizar multidões com as notas vibrantes que arranca de forma miraculosa, formam, em conjunto, um casal modelo.

O ano passado, em Março, nasceu-lhes uma filhinha, Vicky, que é todo o seu enlévo. Betty Grable, mãe de família — eis o inesperado aspecto de uma vedeta que é o sonho inacessível de milhares de platónicos apaixonados espalhados pelo mundo.

FITAS FALADAS

INÉS DE CASTRO

INÉS de Castro é o primeiro filme de colaboração ibérica. Colaboração total, absoluta, quer no diz respeito à índole do tema — página da História comum às duas nações — quer no que se refere aos cargos técnicos e artísticos, que se distribuíram equitativamente entre portugueses e espanhóis, com representação ainda de outros elementos valiosos da cinematografia europeia.

Espectáculo de grandes proporções, «Inés de Castro» está à altura das intenções que presidiram à sua factura. Não só dá a medida das possibilidades técnicas da cinematografia espanhola, como revela a «capacidade» dos portugueses, quando atirados para um meio que permite grandes realizações. Sob este aspecto, os resultados não podem ser, para nós, mais lisonjeiros. Porque a própria vastidão do empreendimento poderia ter feito sossobrar os valores nacionais menos afetos a estas grandes máquinhas. E, muito pelo contrário, assistimos a uma revelação prodigiosa de muitos desses elementos, alguns dos quais subiram a alturas insuspetadas.

Leitão de Barros, com um director de produção seguro — Octávio Roces — e um director artístico de grande prestígio — Manuel Augusto García Viñolas — todos em perfeita colaboração, pôde dar-nos a medida do seu enorme talento de construtivo de espectáculos. «Inés de Castro» é a obra mais importante da sua carreira, o seu primeiro grande filme internacional. As cenas da chegada dos executores de Inés e a trágica velada de Pedro, após a vingança, são inegavelmente dois magníficos momentos cinematográficos, que qualquer grande nome não desdenharia assinar. O mesmo pode dizer-se da reunião de Montemor, em

que os homens bons exigem a morte de Inés. E se há passagens mais frouxas, não cabem certamente as culpas ao realizador, mas a defeitos do guião cinematográfico, que é, quanto a nós, o aspecto menos cuidado do filme. Toda a primeira metade se ressentia da má exposição e desenvolvimento do assunto. E só a partir da sentença real, a acção ganha a clareza e o ritmo que lhe convém. Desde aí, o filme segue em curva ascendente até terminar em cenas de grande efeito. Não incluímos neste número as sequências em que Pedro faz justiça e o beija-mão da rainha morta, que nos parecem não ter atingido a intensidade dramática que requeriam. Mas a par destes senões, quantas imagens belas o filme contém! Leitão de Barros, mestre na escolha de tipos e composição de quadros, revela-se constantemente em mil e um pormenores. Movimentou as grandes massas de figuração com à-vontade. E imprimiu ao filme uma dignidade e seriedade que o impõem como obra de arte incontestável.

António Villar é, depois de Leitão de Barros, o grande triunfador de «Inés de Castro». A sua interpretação, mormente na fase da doença, vizinha da loucura, classifica-o como um actor de mérito excepcional. A fala aos executores de Inés vale como uma prova definitiva das suas qualidades e aptidões. Os portugueses — Raúl de Carvalho, Erico Braga, Villaret e Alfredo Ruas — muito bem. Representam com autoridade — sente-se, por trás deles, o prestígio e o à-vontade de muitos anos de palco — e brilham em figuras de responsabilidade, algumas delas ingratas e difíceis, como a do velho rei e a do bôbo. Alice Pallás é uma Inés perfeita sob o ponto de vista plástico, mas a voz não corresponde à plumagem, tal como sucedia com o corvo da fábula... Maria Pradera está desfeada em demasia, e deu-nos uma Constança que impressiona pela «apagada e vil tristeza».

Os «décors» são magníficos. Dos mais belos que temos visto na cinematografia ibérica. Gartner, o grande fotógrafo de sempre, «Inés de Castro», em conjunto, é um espectáculo de impressionante grandeza — a demonstrar as possibilidades da indústria espanhola e as qualidades admiráveis dos portugueses, que contribuíram decisivamente para o resultado final.

reprodução da Ginger Rogers, na «Kitty Foyles»; a «couvreuse» do cinema usa o olho esquerdo tapado com as loiras madeixas, para se parecer com a Veronika Lake.

E é por isso que a descoberta de uma rapariga «diferente», como Laura Bacall, é anunciada ao mundo com o clamor festivo dos grandes acontecimentos.

O cinema exige, cada vez mais, êsse dom, indefinível e impalpável, que se chama «personalidade». É inimigo acérrimo da beleza em série. E no dia em que as mulheres se convencerem que vale mais a cara que Deus lhe deu do que uma imitação, embora flagrante, doutra qualquer talvez Winston Churchill não veja necessidade de se lançar mão de água oxigenada para identificar personagens e vedetas, que se parecem, na realidade, entre si, como duas gotas de orvalho.

FERNANDO FRAGOSO

MYRNA LOY VAI REAPARECER

AFASTADA dos estúdios pelos deveres de maternidade — há quasi dois anos que não a vemos no cinema — Myrna Loy regressa à actividade fílmica. E regressa pela braço de William Powell, seu parceiro habitual na série de aventuras de Nick, o detective. Myrna sobraça, como de costume, o fiel pêlo de arame, companheiro indispensável das jornadas aventura deste originalíssimo casal de polícia amadores.





PASSATEMPO



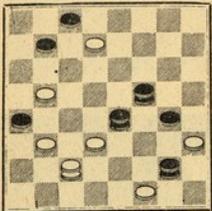
DIRIGIDO POR AUGUSTO TEIXEIRA MARQUES
Toda a correspondência deve ser enviada para a Rua Marquês Sá da Bandeira, 108, 3.ª — LISBOA

DAMAS

(Secção portuguesa)

PROBLEMA N.º 18
Por Delfim Faria Diniz
(Famalicão)

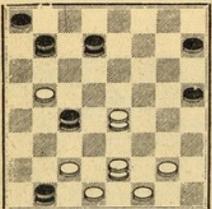
(Dedicado ao seu amigo e grande técnico «damista» Francisco A. Henriques, de Almeirim)



Jogam as brancas e ganham.

PROBLEMA N.º 19
Por Aveitino da Cunha Brandão
(Famalicão)

(O autor dedica o presente trabalho ao seu amigo e grande orientador dos «damistas» de Famalicão, Delfim Faria Diniz).



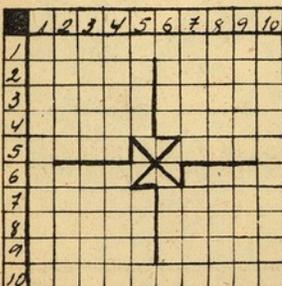
Jogam as brancas e ganham.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 17

16-20 2-5
21-14-1 9-27-16-3-10
5-14-13-32
P. ganham.

CAMPEONATO DE JOGO DE «DAMAS» POR CORRESPONDÊNCIA DE 1945

Chama-se a atenção de todos os concorrentes para o artigo IV do Regulamento deste Campeonato, que estipula o seguinte: Para efeito de



contrôle, o condutor das brancas de dez em dez lances enviará cópia da partida ao director do Torneio.

— José Baptista Afonso, de Caminha, pede-nos para saudar todos os seus adversários, desejando-lhes um campeonato feliz.

— O jogador José Correia, de Beja, foi substituído na sua série (H) por Francisco Mendes da Silva, também de Beja.

— O «damista» António Eduardo Igrejas, de Melgaço, felicita todos os concorrentes e dedica-lhes um problema num dos próximos números.

1. «MATCH» INTERNACIONAL DE JOGO DE «DAMAS» POR CORRESPONDÊNCIA

O jogador espanhol Agustín Silva, foi substituído por Jacinto Navarro. Num dos próximos números daremos a lista completa dos prémios para esta importante prova.

1.º CONCURSO DE PROBLEMAS E FINAIS DE JOGO

Já foram entregues os prémios dos vencedores do Concurso de Problemas. Os prémios dos «Finais» serão entregues assim que Francisco Henriques nos enviar o respectivo relatório.

CHARADAS

DUPLAS

1) Quando eu era rapaz gostava muito de frango estufado. — 2
Pôrto Tripeiro

2) Junto ao lago há uma loja onde se vende tabaco. — 2
Pôrto Tripeiro

COMBINADA

3) + coral = relativo ao fígado
+ maucá = xácara
+ rexia = acesso febril
+ tónia = a aurora.

Conceito: aguardente.



Quere dizer-nos a que monumento célebre pertence este porreitor de monumento? Se souber, terá também a dizer que, para o ver, terá de ir a

Paris
Londres
Barcelona
Nova-York
ou Berlim.

- | | |
|----------------|------------|
| 8 — Dd1 — c2 | a7 — a6 |
| 9 — a2 — a3 | b7 — b5 |
| 10 — c4 x b5 | c6 x b5 |
| 11 — Bf1 — d3 | Bc8 — b7 |
| 12 — O — O | Ta8 — c8 |
| 13 — Dc2 — e2 | h7 — h6 |
| 14 — Bg5 — f4 | Cf6 — e4 |
| 15 — Bd3 x e4 | d5 x e4 |
| 16 — Cf3 — d2 | Cd7 — f6 |
| 17 — Bf4 — e5 | Cf6 — d7 |
| 18 — Cd2 x e4 | Cd7 x e5 |
| 19 — d4 x e5 | Bb7 x e4 |
| 20 — Cc3 x e4 | Dd8 — d5 |
| 21 — Ce4 — d6 | Be7 x d6 |
| 22 — e5 x d6 | Dd5 x d6 |
| 23 — Tc1 x e8 | Tf8 x e8 |
| 24 — Tf1 — d1 | Dd6 — c7 |
| 25 — De2 — d2 | Dc7 — c2 |
| 26 — Rg1 — f1 | Dc2 x d2 |
| 27 — Ta1 x d2 | Rg8 — f8 |
| 28 — Td2 — d6 | Tc8 — c1 + |
| 29 — Rf1 — e2 | Tc1 — c2 + |
| 30 — Td6 — d2 | Tc2 — c6 |
| 31 — Re2 — d3 | Rf8 — e7 |
| 32 — Ta2 — c2 | Tc6 — d6 + |
| 33 — Rd3 — c3 | Td6 — c6 + |
| 34 — Rc3 — b3 | Tc6 x c2 |
| 35 — Rb3 x c2 | a6 — a5 |
| 36 — Rc2 — c3 | Re7 — d6 |
| 37 — Empatada. | |

O encontro efectuou-se em 10 de Março p. p., no Casino Estoril.

SOLUÇÃO DO ESTUDO N.º 19

1. Bxc6, e2!; 2. Bf3+, Rxf3; 3. c6, e1=D+; 4. Rd7, Dd1+; 5. Rc8, Re4; 6. c7, Dg4+; 7. Rb8, Dg3; 8. Ra8 empate. Se 8...Dxc7 empate.

SOLUÇÕES DAS CHARADAS (12/4/945)

1) Matulo/a. 2) Piloto/a. 3) Sênsatez.

SOLUÇÕES DOS PROVERBÍOS A ADIVINHAR (12/4/945)

1) Dá Deus nozes a quem não tem dentes.
2) Ao menino e ao borracho põe Deus a mão por baixo.

XADREZ

Partida disputada no 1.º Portugal-Espanha entre R. Llorens (brancas) e Carlos Araújo Pires (pretas):

- | | |
|--------------|----------|
| 1 — d2 — d4 | Cg8 — f6 |
| 2 — c2 — c4 | e7 — e6 |
| 3 — Cb1 — c3 | d7 — d5 |
| 4 — Bc1 — g5 | Bf8 — e7 |
| 5 — e2 — e3 | O — O |
| 6 — Cg1 — f3 | Cb8 — d7 |
| 7 — Ta1 — c1 | c7 — c6 |

palavras CRUZADAS

PROBLEMA N.º 15 (Concurso)

Por José de Sousa Gaspar (Esoj Rapsag) (Covilhã)

ENUNCIADO

HORIZONTAIS: 1 — Colaborara com outrém numa obra. 2 — Taxa paga à autoridade eclesiástica pelas pessoas que recebiam um benefício, e calculada pelo rendimento de um ano desse benefício; exalterm. 3 — Ageis; espécie cacto. 4 — Limpe, esfregando com areia; despachar. 5 — Caixilho de ferro com que os tipógrafos apertam as fôrmas; interjeição designativa de cólera. 6 — Indivíduo das terras de laca; desdobrel. 7 — Suavisar; armar com bicos. 8 — O espirítual; tira branca na parte superior do cabeção dos padres, estudantes, etc. 9 — Idiota; delíneal. 10 — Propalaremos.

VERTICAIS: 1 — Imporíamos silêncio a. 2 — Sobrecarrega; venero. 3 — Bnhem; tingem. 4 — Ímpia; respeite. 5 — Grupo de duas sílabas longas ou breves, que precedem certos versos líricos gregos ou latinos; fileira de árvores. 6 — Encapotada; combinar. 7 — Nome de várias plantas rubiáceas; zombe. 8 — Desabrochar; palpitar. 9 — Radial; gracioso. 10 — Lugares plantados de amoreiras.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 14 (Concurso)

HORIZONTAIS: 1 — Esto; anca. 2 — Al; rubro; dç. 3 — Ui; pé. 4 — Galga; saúde. 5 — Ir; oleal; os. 6 — Um; uni; ob. 7 — Ag; líado; re. 8 — Sapia; obter. 9 — Ar; eu. 10 — Re; arcal; só. 11 — Siso; zote.

VERTICAIS: 1 — Angl; asar. 2 — El; aruga; és. 3 — Ul; pa. 4 — Trigo; liras. 5 — Ou; aluia; ro. 6 — Bê; ena; oc. 7 — Ar; soldo; az. 8 — Nopal; obelo. 9 — Eu; tu. 10 — Ad; dobre; se. 11 — Aras; erro.

SOLUCIONISTAS DOS ÚLTIMOS PROBLEMAS

Engenheiro Alfredo José Ferreira (Pôrto), António Ilídio Assis da Veiga (Lisboa), Nicolau F. Telo de Moraes (Viseu), José da Silva Campos (Guarda), José Rodrigues Correia (Viseu) e Eurico Machado (Lisboa).

EM TODA A PARTE
PASTA
MEDICINAL
Couto

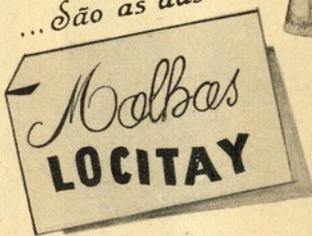
TRATA AS DOENÇAS
DA BÔCA, PORQUE
É MEDICINAL

• Medicinal pequena — tubo 10\$50
• Medicinal grande — tubo 16\$00
• Vulgar pequena — tubo 4\$00
• Vulgar grande — tubo 7\$00



*
AS ROUPAS INTERIORES PREFERIDAS PELO SEU FINO CORTE E ACABAMENTO

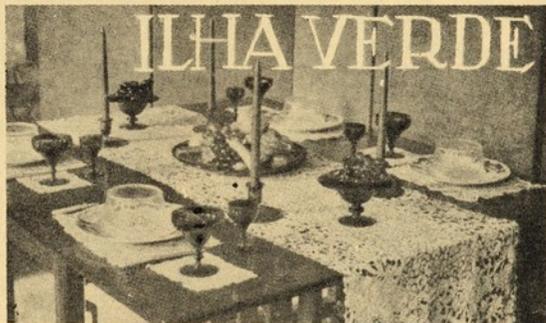
*
... São as das



OUVIR UM *Luxor* é um prazer!

Casa José Costa ~ Rádio Luz
Rua de S. Paulo 11-13 — Lisboa Tel. 24888

É NA CASA REGIONAL DA



QUE SE ENCONTRAM OS MAIS LINDOS E ARTÍSTICOS BORDADOS

RUA PAIVA ANDRADE, 4 (AO CHADO) — LISBOA — TEL. 25974

Se sofre das gengivas faça uma massagem com



Se quer ter os dentes sãos e belos lave-os com SULFADENTINA

O LIVRO DO MOMENTO

A PRIMEIRA ALIANÇA PORTUGUESA

Resumo histórico da aliança entre Portugal e a Inglaterra
Por RAFAEL MARÇAL

A venda em todas as livrarias
Uma magnífica edição de «VIDA MUNDIAL»

FUMADORES

Podéis fumar hoje mais que nunca e ficar com os dentes como tições, porque «Embryodine-Dental» põe-nos brancos e brilhantes em alguns minutos apenas.

EMBRYODINE-DENTAL

vende-se nas boas casas. Um tubo, 10\$00. Agente geral para Portugal e Espanha: J. Santos, Rua Santo Idefonso, 29—Pórt. Representantes em Lisboa: Agência Comercial F. V. F., L.ª, Rua dos Fanqueiros, 135, 3.ª-Dir.ª. Telefone 43582.



RAINHA DA HUNGRIA



O mais antigo Analgésico de resultados seguros

Um medicamento que deve existir em todas as casas. Alívio rápido, após a primeira aplicação.

À venda em todas as farmácias do País. — Escudos: 15\$00



O homem que conseguiu ganhar a guerra não pôde ganhar a paz nem assinar aquelas montanhas de documentos que ele sonhou que conduziriam os povos de todo o mundo àquela prosperidade e bem-estar já hoje realidade do cidadão americano. Roosevelt morreu aos 63 anos, repentinamente, quando tudo indicava que que iria colher o saboroso fruto do seu labor de cinco anos de guerra e dos tantos outros que a precederam. A morte do grande estadista norte-americano, no momento em que os problemas da paz atingem tão perigosa complexidade, é uma perda mundial, um golpe fundo nas fileiras dos Aliados. Portugal e todos os portugueses curvaram-se perante a dor dos Estados Unidos, no momento em que a grande nação amiga perdia um dos mais notáveis estadistas de todos os tempos.